

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCar)
CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (DCSo)

MARIA LUISA LEIVA ZOPPI

NARRATIVAS CONECTADAS: uma etnografia virtual sobre os brasileiros
deportados dos Estados Unidos

São Carlos – SP
2026

Maria Luisa Leiva Zoppi

Narrativas conectadas: uma etnografia virtual sobre os brasileiros deportados dos
Estados Unidos

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da
Universidade Federal de São Carlos para a obtenção
do Grau em Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Igor José de Renó Machado

São Carlos – SP

2026

RESUMO

Em meio a guerras, e crises políticas e climáticas, tragédias e assassinatos, há famílias de imigrantes que buscam oportunidades em outro país. A globalização facilitou essa mobilidade, e assim, permitiu que diversas pessoas buscassem o lugar que julga ser melhor de se viver. Contudo, países como os Estados Unidos, que são o destino de muitos brasileiros que sonham em morar no exterior, estão cada vez mais rígidos com suas políticas de migração e deportação. O presente trabalho analisa justamente essas experiências vividas por brasileiros imigrantes dos Estados Unidos no ano de 2025 que correm o risco de serem deportados. A pesquisa foi feita a partir da perspectiva da etnografia virtual, e focou nos conteúdos produzidos e compartilhados na plataforma TikTok. O objetivo é investigar como os indivíduos lidam com os processos de deportação, utilizando suas próprias narrativas e experiências, bem como as formas de pertencimento e estigmatização no ambiente digital. O estudo foi feito usando uma abordagem etnográfica virtual qualitativa, para analisar vídeos, comentários e interações de perfis de migrantes brasileiros na plataforma.

Palavras-chave: Etnografia virtual; Migração; Estados Unidos; Redes sociais; TikTok.

ABSTRACT

Between wars, political and climate crises, tragedies and acts of violence, there are immigrant families seeking opportunities in other countries. Globalization has facilitated the mobility, allowing many people to pursue the place they perceive as best to live. However, countries such as the United States, which is the destination for many Brazilians who dream of living abroad, are becoming increasingly strict with their migration and deportation policies. This work analyzes precisely these experiences lived by Brazilian immigrants in the United States in the year 2025 who face the risk of deportation. The research was conducted from the perspective of virtual ethnography, focusing on content produced and shared on the TikTok platform. The objective is to investigate how individuals cope with deportation, presenting their own narratives and experiences, as well as forms of belonging and stigmatization in the digital environment. The study was conducted using a qualitative virtual ethnographic approach to analyze videos, comments, and interactions of Brazilian migrant profiles on the platform.

Palavras-chave: Virtual ethnography; United States; Social media; TikTok.

Sumário

Introdução	6
Etnografia digital.....	8
TikTok	11
Capítulo 1 - Deportações	13
Capítulo 2 - Emigrações brasileiras	21
Capítulo 3 – O medo e a tensão política	26
3.1 Introdução geral da análise.....	26
3.2 Vídeos jornalísticos e seus comentários.....	28
3.3 Contextualização dos vídeos amadores.....	34
3.4 Vídeos amadores	35
Conclusão.....	47
Referências.....	50

Introdução

“Acabei de sair da creche do meu filho de 3 anos aqui em NY, e simplesmente, a diretora me parou para perguntar se meu filho era um cidadão legal, porque se não fosse era recomendado que eu levasse ele para casa novamente, porque o ICE viria aqui hoje e as crianças que são ilegais eles vão levar embora”. @eusouanabea

O trecho acima foi extraído de um vídeo que explora um fenômeno em ascensão nas últimas décadas: o aumento das deportações de imigrantes pelo governo dos Estados Unidos (EUA). O depoimento em questão é um exemplo da situação que algumas famílias de estrangeiros vivem hoje em dia nos Estados Unidos, em decorrência da ameaça constante da deportação. Medo este que foi, e ainda é profundamente instigado na população pelo atual presidente norte americano Donald Trump que, durante as campanhas eleitorais de 2024, prometeu que caso vencesse a eleição, além de terminar a construção do grande muro entre os EUA e o México, também expulsaria todos os imigrantes ilegais do país. Assim, no dia 5 de novembro de 2024, Donald Trump foi eleito mais uma vez, e logo após sua posse no dia 20 de janeiro do ano seguinte, o presidente deportou centenas de famílias de volta aos seus países de origem.

No vídeo mencionado acima, a mãe relata com indignação a condição social que imigrantes latinos vivenciam atualmente no país. O testemunho foi publicado pela própria autora em sua conta na rede social TikTok, plataforma amplamente utilizada no Brasil e nos Estados Unidos. O conteúdo choca pela sinceridade apresentada; no entanto, ele não é o único, vídeos como este não são incomuns nas redes sociais.

Este é apenas um exemplo dentre tantos outros que acenderam a curiosidade em tentar compreender o atual estado que se encontram os emigrantes brasileiros nos Estados Unidos de Donald Trump. Partindo deste cenário das redes sociais, esta é uma pesquisa antropológica que utiliza o que alguns pesquisadores chamam de etnografia digital. Para tanto, a pesquisa conta com uma extensa revisão bibliográfica acerca de deportações e migrações aos EUA e um estudo atento dos métodos e formas científicas de analisar a internet e seu lugar na sociedade.

Entende-se que uma pesquisa antropológica etnográfica clássica tem a pretensão de descrever e estudar a experiência do indivíduo de forma íntegra, se aproximando ao máximo do sujeito e analisando profundamente todos os aspectos que cercam sua vida a partir da observação participante (Guber, 2001). No caso da etnografia digital isto não seria diferente. A proposta deste método etnográfico é compreender o sujeito a partir do que hoje é pervasivo à sociedade, a internet (Hine, 2015). Assim, a metodologia consiste em assimilar situações e fenômenos partindo da possibilidade de integração parcial ou total de texto, imagens e sons em um mesmo sistema, interagindo nas diversas plataformas em tempo real ou “atrasado” (Castells, 2006). Partindo deste princípio, esta pesquisa tem o objetivo de estudar virtualmente os deportados brasileiros dos Estados Unidos durante o ano de 2025.

Recentemente, em decorrência da globalização, o mundo tem observado grandes mudanças em diversas áreas, como na política, na economia, na natureza, que, de uma forma ou de outra, influenciam diretamente na qualidade de vida dos indivíduos. Um bom exemplo são as diversas deportações que foram outorgadas pelo atual presidente norte-americano, Donald Trump, e que afetam diariamente inúmeras famílias que buscam uma vida melhor no exterior. Esses casos chamaram a atenção após o incidente do dia 24/01/2025, no qual o primeiro voo de deportados brasileiros do novo mandato de Trump sofreu uma pane em Manaus. Os passageiros ficaram desesperados com o ocorrido, e em uma tentativa de aliviar o calor de dentro do avião, utilizaram a saída de emergência e saíram pela asa (Andrade; Cunha; Mendes; Vilella; Zuba, 2025).

Figura 1 - Brasileiros deportados saindo algemados de avião



Fonte: Revista Cenarium (2025).

Nas palavras de Duval Magalhães (2025), durante o debate online de sua pesquisa, “o invisível se torna visível”, quando as mídias digitais inundaram as notícias de jornal (tanto o digital quanto o físico) com as imagens dos deportados saindo algemados da aeronave. Esse compartilhamento exacerbado das imagens despertou muitas discussões calorosas e abriu portas ao debate sobre as circunstâncias que essas pessoas vivenciam por estarem nessa situação de vulnerabilidade. Segundo a Polícia Federal brasileira, desde janeiro deste ano, mais de 2200 brasileiros foram deportados dos Estados Unidos (CNN, 2025). Este número ultrapassou o ano de 2021, que havia sido o ano com mais deportações de brasileiros até então. Levando em consideração este cenário político e midiático atual, a pesquisa pretende analisar vídeos da plataforma TikTok, que tratam sobre as deportações brasileiras recentes.

Etnografia digital

A etnografia é o método de pesquisa antropológico que tem a proposta de estudar o ser humano a partir da imersão do pesquisador na comunidade, analisando as dinâmicas e as relações entre as pessoas, sempre buscando a pessoalidade e a abundância nas descrições (Amaral; Natal; Viana, 2008). É utilizando as experiências observadas pelo pesquisador que é possível compreender o sentido atribuído pelos indivíduos à sua própria vida, seja por meio das interpretações do autor ou pelas formas singulares que cada pessoa ou grupo constrói o significado de sua existência (Hine, 2000). Segundo Christiane Hine (2000), o etnógrafo é tanto um estranho quanto um nativo durante sua pesquisa, precisando se aproximar da cultura que estuda, porém, também buscando manter a distância necessária para conseguir estudar de forma íntegra.

Estudos antropológicos recentes têm se dedicado a questionar de forma crítica o conceito de sociedade no atual cenário político e científico. Se, em algumas sociedades as tecnologias digitais estão cada vez mais enraizadas, em outras, elas mal começaram a se desenvolver. Pensando nisto, Christiane Hine (2000) foi pioneira ao tentar agregar as diversas tecnologias emergentes nos estudos dos seres humanos. Segundo a autora, se a etnografia pretende entender os vários aspectos da vida dos indivíduos, na modernidade,

as dinâmicas propiciadas pelo intermédio do digital também se tornam um dos campos primordiais para a pesquisa (Hine, 2015). Isso permite que esses novos arranjos propiciados pelas diferentes tecnologias sejam simultaneamente desiguais e complexos (Rifiotis; Máximo; Segata, 2014). Assim, é necessário reforçar o caráter político deste método antropológico, trazendo ao debate perspectivas empíricas e teóricas distintas que juntas consigam construir uma etnografia plural e ampla (Rifiotis; Máximo; Segata, 2024).

Para Manuel Castells (2006), é imprescindível analisar as formas de comunicação e a interatividade entre os indivíduos pelo contexto tecnológico quando estudamos a sociedade contemporânea. O autor defende que as tecnologias digitais permitem a integração múltipla de imagens, sons e texto, tudo no mesmo sistema, em tempo real ou atrasado, e sobretudo, de forma acessível (Castells, 2006). Essa integração dos vários modos de comunicação gera uma rede interativa, ou seja, uma “formação de um hipertexto e uma metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana” (Castells, p 414, 2006). Tendo em vista que a comunicação é a base da formação da cultura nas sociedades, as diversas redes tecnológicas as absorvem e, em certa medida, também as transformam com o passar do tempo.

Ainda de acordo com o Manuel Castells (2006), foi a partir dos anos 80 com a disseminação do videocassete, que foi possibilitado aos indivíduos gravassem sozinhos sua própria vida. A facilidade que a tecnologia emergente proporcionou ao público comum, transformou diretamente a relação da população com fluxo de imagens e vídeos, integrando a experiência da vida e da tela. Além disso, Castells (2006) explica que no novo contexto midiático a mensagem assume um papel do meio, isto é, “as características da mensagem moldaram as características do meio” (Castells, p 425, 2006). Para explicar isto, o autor utiliza o canal MTV como exemplo de mensagem se transformando no meio:

Se a manutenção de um ambiente musical de adolescentes for a mensagem (uma mensagem muito explícita), a MTV será programada sob medida para os ritos e a linguagem dessa audiência não apenas no conteúdo, mas em toda organização da estação, bem como na tecnologia e no projeto de produção/transmissão de imagens. E por sua vez, a produção de um serviço de 24 horas de notícias mundiais requer ambiente, programação e transmissão

diferentes, tais como previsões do tempo de abrangência global e continental (Castells, p 425, 2006).

Este é, portanto, o que caracteriza a televisão na modernidade: a diversificação, a descentralização e a adequação ao público-alvo. William Mitchell afirma que o novo ambiente tecnológico propicia a adaptação de novas formas de sociabilidade e novas formas de vida urbana e, paralelamente a isto, Sherry Turkle complementou desenvolvendo sua pesquisa em como essas interações emergentes também alteram psicologicamente a criação de identidades e de comunidades online. (Mitchell, 1995; Turkle, 1995 apud Castells, 2006).

São com essas discussões e com o amálgama dos meios de comunicação que surge um novo conceito ficcional que foi incorporado pelas ciências sociais, a ideia de “ciberespaço”. O termo, cunhado originalmente por William Gibson (1984) em seu livro ficcional “neuromancer”, se refere a um espaço virtual coletivo onde todos os dispositivos conectados à internet (computadores e celulares) se encontram e dessa forma, este é, um ambiente propício para o desenvolvimento de uma “cibercultura” (Gibson, 1984 apud Rifiotis; Máximo; Segata, 2024). O ciberespaço tal qual foi imaginado por Gibson, atualmente se restringe a mídias de entretenimento (livros, filmes, séries etc.) e será utilizado aqui ao longo de todo o trabalho, porém substituindo o termo para “digital”, que também pode ser entendido como uma presença pervasiva e desigual da vida cotidiana.

Considerando isto, a abordagem etnográfica utilizada neste trabalho usará este meio virtual como principal campo de pesquisa, e será chamada de “etnografia digital”. Antes de tudo, é importante também especificar que o termo “netnografia” não será utilizado na pesquisa por não se adequar a área antropológica. A premissa da etnografia digital não foge da etnografia tradicional de Clifford Geertz, por exemplo, que propõe a valorização da subjetividade e entende a etnografia como um processo interpretativo (Amara; Natal; Viana, 2008). Ou seja, a forma que é feita a pesquisa se mantém, o que muda entre a etnografia tradicional e a etnografia digital é apenas o meio. É, também, necessário compreender que este método etnográfico, tal qual nos métodos mais tradicionais, é produzido a partir de um recorte de uma comunidade que, neste caso, é o ambiente virtual (Amaral; Natal; Viana, 2008).

TikTok

Isto posto, é exigido ao antropólogo que estude de antemão o meio que será feito a pesquisa. Braun e Mateus (2024) discorrem em seu artigo as peculiaridades da rede social TikTok, que teve o auge da sua popularidade durante a pandemia de Covid-19 no ano de 2020. Assim como diversas redes sociais modernas, o TikTok possui um esquema de navegação que exige quase nenhum esforço por parte do usuário. A plataforma restringe seu conteúdo a vídeos curtos que, majoritariamente, são verticais e ocupam toda a tela do celular. A cada deslize do dedo, para cima ou para baixo, um novo vídeo aparece, para o lado direito o perfil de quem postou o vídeo e para a esquerda a aba do TikTokShop. Atualmente há apenas uma única página inicial que tem quatro subtópicos, a “para você” (“for you”), “seguindo” (“following”), “explorar” (“explore”) e “loja” (“shop”), para acessar cada uma delas basta deslizar o dedo para a esquerda até chegar na página desejada. Em cada uma das páginas o usuário navega de acordo com o que o algoritmo apresenta, sendo assim, altamente volátil em seu conteúdo.

Diferente das demais redes sociais modernas, como o Facebook ou o Instagram, o algoritmo específico do TikTok é moldado de acordo com o consumo de vídeos do próprio usuário, mesclando o tempo de tela e as curtidas de cada conteúdo. Ou seja, é gerado uma página inicial “única” para cada usuário, trazendo a sensação de “familiaridade” e “pertencimento” a cada novo vídeo (Cerretani, 2023). Por conta disso, e em decorrência da facilidade de utilizar a plataforma, os indivíduos frequentemente sentem-se confortáveis para postar o próprio conteúdo na rede social. Cerretani (2023), reforça que essa facilidade de se expressar pelo TikTok em conjunto com o algoritmo especializado, pode reforçar aspectos sociais negativos, muitas vezes perpetuando preconceitos como racismo, xenofobia etc., além da possível disseminação de fake News e desinformação.

Paloma Rubin (2021) demonstrou a força potencial que o TikTok tem enquanto plataforma de mobilização política ao explicar o que foi o “TikTok Gate”. Segundo Rubin (2021), em 2020 o então candidato à presidência norte americana, Donald Trump,

promoveu um evento presidencial durante a pandemia de Covid-19, com o intuito de angariar votos a sua candidatura. Por conta do momento sensível que o mundo estava vivendo na pandemia do coronavírus, muitos jovens se mobilizaram, através do TikTok, reservando inúmeros assentos para o evento, mas sem comparecer de fato. A intenção com isso era constranger e confundir o candidato que, desorientado, não sabia por que havia tantos lugares vagos em sua campanha. Pouco se sabe sobre como essa “pegadinha” foi organizada, mas o fato é que funcionou, e na época Donald Trump demonstrou profunda indignação em suas postagens na plataforma X (antigo Twitter). Essa mobilização ficou conhecida como “TikTok Gate” (portão ou portal do tiktok, na tradução livre) por mostrar o grande potencial político e social, principalmente entre os jovens, que a plataforma consegue ter.

É com este cenário cibernético que a presente pesquisa se baseia, nas nuances dos usos políticos e sociais que o aplicativo proporciona. Os vídeos postados tendem a gerar muito debate, tanto entre as pessoas que republicam (isto é, o vídeo é impulsionado na página inicial dos seguidores de quem republicou), quanto nos comentários das postagens. Além disso, o usuário ainda tem a possibilidade de publicar um novo material utilizando como base um outro vídeo, como se fosse uma colagem, destacando e editando aspectos que o autor acredita ser relevante. As matérias jornalísticas, por exemplo, utilizam muito esse recurso, no qual o vídeo original é utilizado como plano de fundo, enquanto uma nova pessoa narra a história com as imagens reutilizadas. Esse narrador pode aparecer ou não na tela, e em muitos casos, pode ser utilizado apenas frases curtas que sobrepõem a imagem principal. Assim, a plataforma permite o anonimato dos usuários, sem restringir a liberdade de participação, possibilitando que suas histórias e opiniões sejam expostas na internet.

Capítulo 1 - Deportações

Donald Trump, reeleito nas eleições estadunidenses de 2024 pelo Partido Republicano, desde que assumiu o cargo novamente, vem recebendo diversas críticas nos veículos de comunicação sobre seu extremismo na política e na economia. Com a justificativa de atrair investimentos ao seu país e promover mais empregos aos americanos, Trump instituiu o “Tarifaço”, medida econômica que impôs tarifas a 57 países. Utilizando o mesmo pretexto, o presidente norte americano tem restringido e dificultado cada vez mais a entrada e permanência de estrangeiros em seu território. Durante as campanhas eleitorais da última eleição presidencial dos Estados Unidos em 2024 o candidato prometeu que se fosse eleito, ele não só terminaria de construir o grande muro entre os EUA e o México, como também expulsaria todos os imigrantes ilegais do país. Assim, no dia 5 de novembro de 2024, Donald Trump foi eleito mais uma vez, e logo após sua posse no dia 20 de janeiro do ano seguinte, o presidente deportou centenas de famílias de volta aos seus países de origem.

Para compreender melhor este cenário, é importante primeiro entender o que é a deportação e, quem são as pessoas sujeitas a sofrer com essa medida. Segundo Ronaldo Polleti (1976) há três principais ações políticas que se diferem entre si, mas que de modo geral, possuem efeitos parecidos, são elas a extradição, a expulsão e a deportação. O resultado de todas é o mesmo, o imigrante é obrigado a se retirar do país que está vivendo, porém, os motivos e as formas que elas ocorrem são diferentes. Resumidamente, a expulsão de um indivíduo ocorre quando o estrangeiro ameaça a segurança nacional (podendo ser socialmente, politicamente ou até mesmo economicamente), ou quando sua presença se torna um perigo aos demais cidadãos. No caso da extradição, o caso é o contrário, é a partir de um pedido feito por outro Estado Nacional que reivindica à polícia que prenda e retorne o indivíduo ao local que cometeu o crime. E por fim, a deportação é quando o estrangeiro permanece no país de forma irregular ou indocumentada e, caso não se retire voluntariamente, a autoridade policial promove sua deportação imediatamente.

Tendo isso em vista, é importante também entender os processos históricos que culminaram em mais de 59 mil indivíduos presos esperando para serem deportados. Os

primeiros registros sobre esse tipo de deportações nos Estados Unidos são da década de 20, quando as primeiras Patrulhas da Fronteira (Border Patrol) começaram a se institucionalizar no sul do país (Ngai, 2008). Segundo o comissário geral de imigração Henry Hull, inicialmente a Patrulha não trabalhava apenas na linha de fronteira, mas até uma margem de cem milhas antes dela (Ngai, 2008). Nessa época, os guardas abordavam todos os estrangeiros encontrados em espaços públicos e, toda vez que identificavam algum indivíduo indocumentado, este era conduzido à sede da unidade. Além disso, George Harris, o comissário geral assistente, complementou explicando que em 1925 essas patrulhas prendiam as pessoas sem um mandato oficial de prisão (Ngai, 2008). Citando ainda o comissário geral assistente, o estrangeiro pode ser preso assim que:

entra na presença ou no campo de visão [...] do Guarda [de fronteira], mas isso não significa necessariamente que o guarda [de fronteira] tem que ver o estrangeiro no exato momento em que ele atravessa a fronteira para os Estados Unidos. A entrada é uma ofensa continuada e não se completa... até o estrangeiro chegar a seu destino final (Ngai, p. 3, 2008).

Assim, entende-se que a patrulha atuava com o foco na prisão em flagrante de qualquer imigrante indocumentado próximo da fronteira, porém, como não era uma polícia estadual, não era permitido mandato de busca. Mesmo com a Patrulha da Fronteira prendendo e expulsando todos os imigrantes ilegais que ousassem cruzar seu caminho, o número de estrangeiros sem documentação apenas crescia na década de 20 e as políticas de imigração se tornaram cada vez mais assertivas (Ngai, 2008). Bem antes disso, nos anos 80 e 90 do século XIX, o congresso nacional dos Estados Unidos já havia implementado medidas que impediam a permanência no país sem licença ou permissão do congresso (Ngai, 2008).

O historiador Vitor Izecksohn (2010) também retoma a história dos EUA, porém com o foco no período em que Abraham Lincoln (1809-1865) governou o país. O objetivo do historiador era compreender qual foi a relação do político com o período de emancipação dos escravos. À primeira vista, essa questão não parece ter uma ligação direta com o estudo de deportados, porém foi neste período que surgiram as primeiras políticas de deportação no território norte americano. Diferentemente da forma que o Brasil lidou com o fim da escravidão (como uma simples mudança burocrática na lei, abolindo o conceito de escravos), os americanos tiveram outros dilemas.

Segundo Izecksohn (2010), houve duas grandes linhas políticas que marcaram o período. A primeira era favorável à deportação dos negros emancipados, a segunda pendia mais para uma integração desses indivíduos na sociedade. A presença dos negros (livres ou escravos) era vista como temporária, e de acordo com Thomas Jefferson, redator da Declaração de Independência, a colonização seria a principal solução para resolver a cisão entre os diferentes grupos raciais na América, que além de gerar forte preconceito, comprometeria a harmonia social (Izecksohn, 2010). As pessoas que eram contra a escravidão tinham a tendência a acreditar que o preconceito racial nunca seria superado e, portanto, restaria aos negros apenas o retorno à África (Izecksohn, 2010).

Considerando que a população de escravos era considerada imigrante, foi nessa época que algumas medidas políticas pendiam para a proibição à entrada de novos imigrantes e à punição de instituições que os ajudassem (Izecksohn, 2010). Essas deliberações tinham fundamento não só no temor da “possível desvalorização do trabalho dos brancos pobres face à possível competição oferecida pelos libertos” (Izecksohn, 2010), mas também no preconceito racial que temia a miscigenação da sociedade.

Tendo isso em vista, vale dizer que os historiadores já reconheciam a deportação em outros momentos históricos, como no período colonial ou até mesmo em 1875 quando o governo americano baniu prostitutas e crimes envolvendo depravação moral, mas foi a partir de 1920 aproximadamente que esta prática começou a ganhar notoriedade. Segundo Mae Ngai (2008) este período deu início ao regime de restrição numérica, que começou a se intensificar desde meados dos anos 80 no século XIX como resposta à Primeira Guerra Mundial, momento no qual o nacionalismo e a aversão a estrangeiros começam a aflorar. Ainda de acordo com a autora, em 1927 o Serviço de Imigração passou a viabilizar o retorno voluntário dos estrangeiros que não possuíam vistos apropriados, assim menos pessoas eram deportadas e, conseqüentemente, barateavam-se os custos do governo.

Se, durante o fim do século XIX, apenas pessoas consideradas criminosas eram expulsas, agora os “criminosos” eram todos aqueles que não conseguiam toda a documentação exigida, impactando diretamente nas relações sociais com indivíduos estrangeiros. Além disso, muitas vezes a documentação não era concedida pelo próprio governo, que impôs um número limite de imigrantes que poderiam entrar no país. Essa

prática ficou conhecida como “lei de quotas”, na qual os indivíduos passaram a ser categorizados de acordo com seu lugar de origem, e cada país tinha um número limite de pessoas que poderiam viver nos EUA. Então mesmo que o imigrante tenha providenciado as documentações para ser aceito legalmente no país, ele ainda corria o risco de ter o visto negado por não ter mais “vaga”. Assim, o visto passou a ser a principal porta de entrada dos estrangeiros, privilegiando o status formal acima de qualquer coisa e consolidando o que hoje chamamos de “imigrante não documentado” (Ngai, 2008)

Em resumo, dois fatores foram primordiais para o aumento significativo de deportações e expulsões do país. Em primeiro lugar, o crescimento do número de imigrantes que entravam ilegalmente, que levou a um controle mais rigoroso das fronteiras terrestres. Em segundo lugar, a aplicação de forma mais rigorosa das leis de deportação que não tolerava a permanência de nenhum imigrante indocumentado, mesmo que este tivesse família constituída nos EUA (Ngai, 2008). Juntos, esses fatores acabaram moldando características políticas e sociais importantes que, de uma forma ou de outra, acabavam por determinar uma relação entre exclusão e desejabilidade dos cidadãos norte-americanos.

Por tanto, observa-se que a diferença na justificativa da deportação variou muito com o passar dos anos. A principal crítica ao Serviço de Imigração no início da década de 30 era a crueldade em que essas deportações ocorriam, muitas vezes acarretando na separação de famílias inteiras. Por mais bem intencionadas que fossem, essas críticas ainda não eram exatamente em função dos latinos e asiáticos que eram violentados no processo de deportação, e sim na ameaça da perda de dignidade que europeus e canadenses poderiam sofrer ao passar por esse processo. Mesmo com essa inversão de valores, vários estudos legislativos surgiram na primeira parte da década de 30 visando a reforma administrativa da lei referente (Ngai, 2008). Além disso, outro argumento utilizado frequentemente como crítica era na forma de interpretar essa lei. Os analistas acusavam o Serviço de Imigração de abusar da lei para justificar a deportação, muitas vezes considerando pequenos deslizes como suficientes, afora a impossibilidade dos imigrantes em se defenderem frente ao júri (Ngai, 2008).

Em resposta a estes argumentos, os reformadores adotaram uma nova estratégia que agradou simultaneamente as duas vertentes, de um lado intensificou as sanções dos criminosos que estavam irregulares, e por outro lado também tentou evitar a separação das famílias que foram consideradas “merecedoras” (Ngai, 2008). Não surpreende que a suavização dos crimes e da lei fossem aplicadas a europeus e a canadenses, enquanto os grupos menos desejados no país tinham pouca chance de escapar. A partir disto, é importante frisar que desde seu princípio, as leis de imigração e deportação sempre tiveram caráter arbitrário.

Autores como Tanya Golash-Boza (2016) argumentam em consonância com Ngai (2008) e com Izecksohn (2010), relacionando essa arbitrariedade no exercício da lei com um efeito do racismo estrutural. Seu estudo pretende compreender se há ligação entre encarceramento em massa e deportação em massa. De acordo com a autora, na década de 90 houve uma “virada da deportação” que, não só aumentou consideravelmente o número de deportados, como também, transformou a forma que o controle migratório era feito. Em 1996 o Congresso norte americano aprovou duas leis que impactaram diretamente na vida dos estrangeiros nos EUA, a lei de reforma da imigração ilegal e responsabilidade do imigrante (IIRIRA) e a lei antiterrorismo e pena de morte efetiva (AEDPA). As duas leis impõem a detenção obrigatória de indivíduos que não são cidadãos e eliminam a revisão judicial das ordens de deportação, facilitando o encarceramento e a deportação em massa (Golash-Boza, 2016).

Essas mudanças implicam no aumento do número de deportados por três motivos principais: primeiramente, mais verba foi alocada na aplicação de leis de imigração, em segundo lugar, reduziram-se as oportunidades do indivíduo recorrer contra a deportação, e em terceiro lugar, ampliou os motivos que levavam uma pessoa a ser deportada. Em 1996, o número de deportados foi de 70.000 indivíduos, no ano seguinte, em 1997 o número passou para 114.432 pessoas deportadas, e no ano depois deste o número cresceu para 173.000. Ano após ano, o número de deportados apenas cresceu, chegando a 438.421 indivíduos em 2013 (Golash-Boza, 2016). De acordo com o site “*homeland security*” do próprio governo americano, atualmente este número chegou a mais de 605.000 pessoas deportadas no ano de 2025.

Analizando cuidadosamente esses dados, pode-se inferir que a deportação geralmente decorre de dois motivos relacionados: o surgimento de uma classe trabalhadora estigmatizada e vulnerável e o controle social que a ameaça da deportação pode causar (Golash-Boza, 2016). Ou seja, a deportação passa a ser uma forte demonstração de poder do Estado, que demonstra sua força controlando os cidadãos e os não cidadãos do país. Os governos utilizam as estatísticas da deportação para se vangloriar e provar como são rigorosos no combate ao crime (Golash-Boza, 2016). Tamara Nopper (2008) contribuiu para a teoria afirmando que historicamente há um combate rigoroso ao crime nos Estados Unidos que, na prática, é aplicado principalmente contra minorias raciais, e no caso da deportação, isso não seria diferente. Assim, o processo de deportação ocorre em função de deportar apenas alguns indivíduos, e não todos, de modo que os que foram “poupados” permaneçam ameaçados pelo Estado.

Tanya Golash-Boza (2016), conclui demonstrando empiricamente os paralelos entre o encarceramento em massa e a deportação em massa. Os dados demográficos apresentados pela autora constataam que os alvos da repressão estatal são, em sua maioria, homens negros e latinos:

De acordo com o *Pew Hispanic Center*, dos 10,4 milhões de adultos sem documentos nos EUA em 2008, 4,1 milhões eram mulheres. E 80% eram da América Latina ou do Caribe. [...] Embora 40% dos imigrantes sem documentação sejam mulheres, elas representam apenas 10% dos deportados. E, mesmo que 20% dos imigrantes sem documentação não sejam latinos, esses imigrantes representam menos de 2% dos deportados. Os homens da América Latina e do Caribe têm muito mais probabilidade de serem deportados do que qualquer outro grupo. (Golash-Boza, p 6, 2016)¹

Outro ponto muito importante a ser reforçado é que a deportação é uma medida política que afeta qualquer imigrante sem a devida documentação, contudo, imigrantes que estão legalmente no país também podem ser deportados a partir da denúncia ou acusação de algum crime ou violação de visto (como por exemplo trabalhar utilizando um visto de estudante, etc.) (Golash-Boza, 2016). Isso mais uma vez comprova a ligação direta entre o sistema prisional e os processos de deportação que, segundo a autora, decorre da repressão estatal que utiliza alguns grupos mais vulneráveis e estigmatizados como principal alvo de repressão. Golash-Boza (2016) enfatiza que essas formas

¹ Tradução livre.

extremas de repressão estatal não existiriam se não fossem políticas públicas que desumanizam alvos por meio de discursos racializados e de gênero.

Outros autores, como Antonio Gramsci e Didier Fassin dialogam diretamente com as ideias de Golash-Boza (2016) ao demonstrar o papel dualista do Estado nas políticas públicas. Fassin (2023), escreveu sobre a situação dos campos de refugiados na França no início da década de 2000, momento no qual o Estado restringiu de forma explícita a entrada de indivíduos que buscavam refúgio. Este período foi precedido por um movimento de atribuição moral às formas que o Estado francês lidava com estes indivíduos, amolecendo as fronteiras do país e a permanência de famílias de pessoas necessitadas de ajuda humanitária (Fassin, 2023). Este caso, pode ser analisado com clareza sob a perspectiva do marxista Antonio Gramsci, que descreveu o Estado como a união da sociedade política somada à sociedade civil (Gramsci, 2000). Esta interpretação de Gramsci permite compreender as políticas públicas como algo flexível que conciliam tanto os interesses particulares do governo, quanto o posicionamento da população frente a acontecimentos. Logo, as medidas tomadas por Donald Trump se justificam não apenas pela constituição, mas por ser uma mescla da opinião pública e da suposta necessidade do país em se reconstruir socialmente e economicamente, sem a participação de indivíduos não americanos.

Neste sentido, entende-se que o governo, através de diversas decisões que impactam direta ou indiretamente a população (como assistência humanitária, controle de imigração, sistemas de saúde e educação), fazem escolhas conscientes que privilegiam alguns grupos socialmente mais adequados, e desfavorecem outros que são considerados “descartáveis”. Discursos como do atual presidente americano que insinuam uma “limpeza” dos Estados Unidos, no qual é reiterado que é “necessário ‘devolver’ a América aos americanos”, e “*make America great again!*” – slogan da candidatura do partido republicano nas eleições de 2024 – tendem a instigar a população à repulsa e à exclusão de estrangeiros no território. Parte desse discurso pode ser analisado a partir da história do país em relação às diversas políticas de migração que impulsionaram o preconceito e a aversão a diferentes tipos de imigrantes. O autor Guilherme Meneses (2018), contribui para esse argumento, alegando que essas políticas foram motivadas por razões étnicas

raciais evidentes e, assim como Ngai (2008), reforça que este processo tem seu início junto com as políticas anti-escravos do começo do século passado. Desde 1993, aproximadamente, que as fronteiras dos EUA passaram a se transformar em muros na tentativa de dificultar e conter ainda mais a entrada desses imigrantes, e é em 2003 que a ICE [*Immigration and Customs Enforcement*] passou a operar em todo território nacional (Meneses, 2018).

Estas políticas do governo americano que têm como objetivo principal controlar o fluxo de indivíduos que circulam no território nacional, podem ser analisadas sob a perspectiva de Michel Foucault e sua teoria sobre a biopolítica. Segundo ele, a biopolítica é o momento histórico e social no qual a vida dos indivíduos passa a ser objeto de manipulação política, isto é, a autonomia e a liberdade dos sujeitos se tornam um aspecto mutável politicamente a partir da governabilidade do Estado. Assim, há um processo de controle e regulação populacional que são medidas pelo governo, que se julga no direito constitucional de decidir quem pode e quem não pode viver em uma determinada sociedade. Didier Fassin (2023) explica que, ainda segundo Foucault, a biopolítica diverge do que alguns teóricos chamam de “anatomopolítica”, que é o controle disciplinar exercido sobre os corpos, que coagem comportamentos de forma a ordenar a sociedade; a biopolítica está associada ao biopoder, que de grosso modo, significa “o poder sobre a vida”. E neste caso, o controle pode ser feito a partir da deportação de imigrantes que, em alguns casos, são considerados indesejados, portanto, correm o risco iminente de deportação. Fassin (2023) continua e reforça que a política, além de controlar os corpos, decide quais vidas valem a pena, consequentemente, vivem por mais tempo, e quais não são tão valiosas.

Capítulo 2 - Emigrações brasileiras

Atualmente, estudos apontam que a presença de brasileiros no exterior se tornou relevante socialmente e economicamente em países como Estados Unidos e Japão, e também em alguns países da Europa (Neto, 2006). Para entender o que isso significa é preciso primeiro diferenciar os tipos de migração que serão utilizadas ao longo do texto. De forma simplista, “imigração” é o termo utilizado quando há uma nação receptora que, de alguma maneira, apresenta atrativos (econômicos ou sociais) que acabam seduzindo diferentes indivíduos. Enquanto “emigração” é utilizado quando há aspectos (políticos, sociais ou econômicos) que repelem os indivíduos. Os termos mudam conforme a perspectiva observada, mas sempre estão associados à processos de transição. Assim, citando Marcos Aurélio Barbai (2010):

A mobilidade, a meu ver, funda uma outra relação do sujeito com o espaço. Ela é um convite à experiência de múltiplos territórios. Isso se dá porque a mobilidade do sujeito passa a ser vista como um gesto simbólico que constrói a territorialidade, experiência capaz de transformar as formas de habitar o mundo, tornando-o flexível e mutável. (Barbai, p 27, 2010)

No caso da emigração de brasileiros aos Estados Unidos, sabe-se que, comparado a outras comunidades (latinos e asiáticos), até pouco tempo atrás, as comunidades de brasileiros não eram muito expressivas na América do Norte. Porém, o crescimento das emigrações e o recrudescimento dos controles migratórios, mudou bastante esse cenário. Não é raro notícias sobre aviões cheios de deportados brasileiros vindos dos EUA, principalmente no governo de Donald Trump, assim como o discurso observado nas redes sociais de que a vida no exterior é melhor e mais fácil que a vida no Brasil também é frequente. Para entender melhor essa dicotomia, é necessário primeiro compreender a história da migração brasileira em linhas gerais.

Historicamente, o Brasil foi amplamente reconhecido como uma terra de acolhimento para imigrantes. De 1500 até meados de 1950, o país consolidou sua reputação de “terras de oportunidades”, recebendo diversas pessoas que, com o passar do tempo, construíram o que hoje conhecemos como sociedade brasileira (Millar e Fanini, 2022). Assim, a formação do país tem como base principal as diversas sociedades indígenas e a população africana trazida à força para o trabalho escravo, que se somaram,

posteriormente, aos grupos de imigrantes europeus e asiáticos (Pereira, 2000). Com exceção dos indígenas e africanos, os outros que entraram no país tinham motivações sociais e econômicas incentivadas por políticas públicas em sua terra natal. Helion Póvoa Neto (2006) pontua que historicamente os emigrantes (sejam eles de qualquer nacionalidade) eram vistos como colonizadores que difundiam a cultura e expandiam economicamente. Estas pessoas eram bem recebidas pois a percepção popular era de que elas iriam trazer mão de obra e ajudar a desenvolver o país (Neto, 2006). Esse imaginário popular muda na contemporaneidade e, talvez, os meios de comunicação modernos sejam o principal motivo para essa mudança (Neto, 2006).

Essa relação começou a mudar em meados de 1980, quando uma forte crise econômica abalou o Brasil e o mundo (Goza, 1992). A época, que ficou conhecida como a “década perdida”, foi o primeiro momento observado na história brasileira em que houve um movimento de emigração significativo, principalmente para o Japão, Europa Ocidental e EUA (Millar e Fanini, 2022). As autoras Kathleen M. Millar e Michele A. Fanini (2022) percebem que essa primeira migração nos anos 80 não foi feita pensando no presente momento, na realidade, foi uma ação pensando no futuro, como uma “antecipação” de um futuro que ameaça diretamente a qualidade de vida da classe média e média alta brasileira. O argumento que Millar e Fanini (2022) produziram é no sentido de entender como esse sentimento de antecipação a um evento que ainda não ocorreu e pode nunca ocorrer, gera efeitos diretos no presente.

Segundo Franklin Goza (1992), até 1980 a maioria dos brasileiros que iam para o exterior eram turistas, contudo, a crise impactou diretamente a classe média, que viu a migração como solução para o descontentamento com o novo padrão de vida da população. A princípio, essa emigração foi feita por homens, jovens, que tinham motivações econômicas, e se dispunham a trabalhar em empregos pouco valorizados (Millar e Fanini, 2022). Nos Estados Unidos os empregos mais ocupados pelos brasileiros na década de 80 e 90 eram de faxineiro, lavador de pratos, jardineiro, lavador de carros (no caso dos homens), enquanto para as mulheres, o principal serviço era de faxineira, cozinheira, babá e governanta (Goza, 1992). Isto é, empregos que não precisavam de muita qualificação, e principalmente, funções que não precisavam da língua muito bem

desenvolvida, isso porque, segundo o estudo de Goza (1992), neste primeiro momento a ideia de morar no exterior era vista como temporária, e se aperfeiçoar na língua ou se qualificar para um emprego melhor era visto como um esforço que tinha pouco retorno financeiro.

Assis e Sasaki (2001) salientam que muitos desses primeiros imigrantes que chegaram na América do norte nos anos 90 eram indocumentados, dificultando a relação dos indivíduos com o Estado. Segundo a pesquisa de Franklin Goza (1992), “dos vistos concedidos a imigrantes brasileiros nos EUA, 58% dos emitidos para os homens e 77% para as mulheres eram do tipo não-imigrante” (Goza, p 71, 1992), além disso, 18% das mulheres e 24% dos homens não possuíam visto nenhum, indicando a situação precarizada que as pessoas viviam neste momento.

Contudo, as ondas migratórias atuais se mostram distintas daquelas observadas no passado. Hoje em dia, ao contrário da década de 80 que foi marcado por indivíduos solteiros e jovens do gênero masculino migrando em busca de oportunidade, o fluxo migratório é protagonizado por núcleos familiares inteiros que vem, não só do sul e do sudeste do Brasil, mas do Nordeste e Centro-oeste também (Millar e Fanini, 2022). Agora nos anos 2000, os migrantes renunciam a seus bens e laços materiais, abandonando o conforto e a estabilidade, para tentar uma nova vida nos Estados Unidos, sem a intenção de retornar ao Brasil (Millar e Fanini, 2022). É importante fazer uma breve menção ao fato de que nas dinâmicas mais recentes de migração, muitos brasileiros têm escolhido destinos diferentes dos Estados Unidos, muito provavelmente por conta das políticas migratórias estadunidenses (Millar e Fanini, 2002). Mesmo que ainda sentindo o medo “antecipado” da perda de qualidade de vida da classe média, apresentado por Millar e Fanini (2022), os motivos já não são mais os mesmos, agora a violência urbana ganha destaque nas narrativas.

Helion Póvoa Neto (2006) concorda com Millar e Fanini (2022) e aponta que a principal causa da emigração contemporânea para os Estados Unidos vem da violência e do desemprego que essa classe média tem enfrentado. Neto (2006) não deixa de fora os casos da chamada “fuga de cérebros”, isto é, estudantes que migram em busca de melhores condições educacionais, principalmente do ensino superior, e que por terem

mais facilidade em se inserirem no mercado de trabalho pós diploma, tem mais chances de não retornarem.

De acordo com Caldeira (2000), esse “medo” da classe média é decorrente da percepção da violência e da segurança social, que gera um processo de segregação espacial intenso, principalmente a partir da década de 70. Numa tentativa de diminuir essa insegurança, foram criados espaços que são altamente vigiados, monitorados e privatizados, e que, conseqüentemente, também aumentam as segregações de classe. Assim, famílias inteiras se veem convencidas que, para sair dessa depressão social, isto é, para ter uma vida boa, plena, sem medos e com todos seus direitos assegurados, a solução é mudar para outro país.

Estudos recentes indicam que no fim dos anos 2000 cerca de três milhões de brasileiros estavam vivendo no exterior espalhados, principalmente nos Estados Unidos, Japão e em alguns países da Europa, como Itália, Portugal, Inglaterra e Espanha (Cavalcanti; Oliveira, 2018). No Brasil, a cidade de Governador Valadares, no estado de Minas Gerais, se mostra uma região importante para o fluxo de cidadãos brasileiros rumo aos Estados Unidos (Fusco, 2000). Na década de 2000, a migração de mulheres saindo da cidade de Criciúma, em Santa Catarina, também chamou atenção dos pesquisadores por formar um grupo étnico na região de Boston, Estados Unidos (Assis, 2004).

Contudo, se até o começo dos anos 2000 o Brasil tinha um alto índice de emigrantes, a crise econômica mundial de 2008 levou muitas pessoas a retornar ao seu país de origem. Portanto, as pesquisas apontam que o processo migratório entra em uma nova fase que ainda não havia sido observada no Brasil. De acordo com Machado (2023), além da crise econômica mundial, muitos fatores podem influenciar o retorno desses migrantes, mas as principais estão relacionadas com a falta de assistência por parte do governo brasileiro no país receptor e as dificuldades encontradas pela falta de documentação desses imigrantes, que geralmente gera a superexploração do trabalho e problemas no acesso às políticas de assistência básicas, como saúde e educação (Machado, 2023). O censo de 2010 atesta que 65,6% dos imigrantes internacionais que chegam ao Brasil são brasileiros, isto é, imigrantes de retorno, comprovando essa teoria da nova fase do processo migratório (Cavalcanti e Oliveira, 2018).

Estas evidências do retorno de brasileiros abrem brecha para uma reflexão das condições de vida que esses imigrantes experienciam no exterior. Machado (2015), reitera que a situação de ilegalidade que muitos indivíduos vivem em outros países afeta diretamente a forma que eles são tratados pelos nativos e pelo governo. O autor faz uma reflexão acerca do acesso à cidadania, ou a falta dela, e como essa ausência de documentos se traduz em ausência de direitos. Ainda segundo Machado (2015), após o 11 de setembro, o governo dos Estados Unidos se tornou progressivamente mais rigoroso nas autorizações de permanência e visto de imigrantes, além de também dificultar consideravelmente o processo de entrada no país. Como mencionado anteriormente, tudo isso resulta na privatização de serviços públicos essenciais (vide saúde e educação), na superexploração laboral e em um medo constante de possíveis denúncias e discriminação em função da sua condição “ilegal” juridicamente (Machado, 2015).

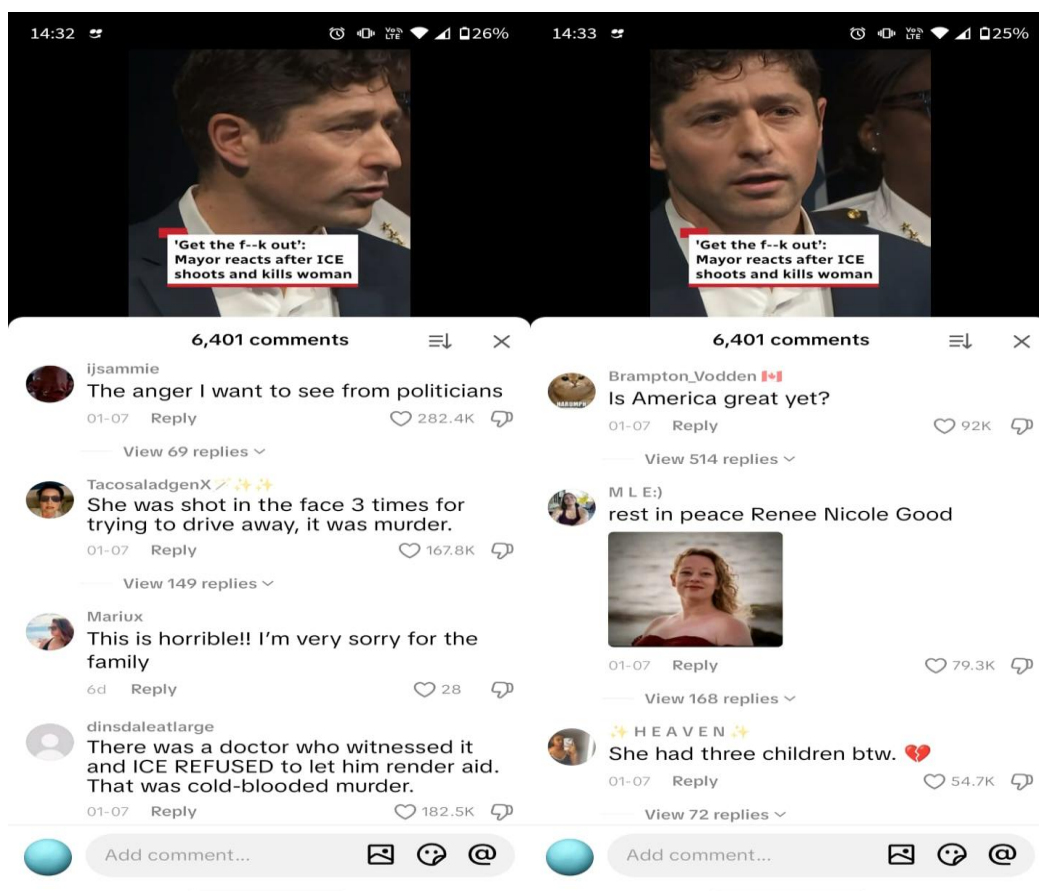
Capítulo 3 – O medo e a tensão política

3.1 Introdução geral da análise

Quarta-feira dia 7 de janeiro de 2026, uma mulher chamada Renee Nicole Good é morta a tiros por agentes de imigração (ICE) dos EUA. Segundo as autoridades federais a mulher tentou atropelar agentes de imigração, contudo vídeos do incidente mostram outra versão. Nos vídeos é possível ver os agentes da ICE (a agência federal de controle de imigração dos Estados Unidos), se aproximando do carro parado na rua e logo em seguida disparando contra a motorista enquanto o carro começava a se afastar. As imagens são fortes e mostram o exato momento em que o policial para perto do veículo e atira três vezes a queima roupa, em seguida o carro é visto perdendo o controle e batendo e um poste na mesma rua. Donald Trump publicou na plataforma Truth Social (plataforma digital criada pelo próprio presidente e sua empresa [Trump Media & Technology Group (TMTG)] lançada em 2022 como um concorrente a outras redes sociais banidas em seu governo) que o agente do ICE foi brutalmente atropelado e ainda culpou a “esquerda radical” por “ameaçar, agredir e atacar nossos policiais e agentes do ICE diariamente”.

Na entrevista coletiva feita no próprio dia 7 de janeiro de 2026 o prefeito Jacob Frey, da cidade de Minneapolis no estado de Minnesota, local que aconteceu o incidente, não poupou palavras ao demonstrar sua profunda indignação com o caso. O vídeo postado pelo perfil da CBC News (@cbcnews) possui mais de 11 milhões de visualizações, 1,6 milhões de curtidas e mais de 5 mil comentários. Além dos comentários serem numerosos, o número de curtidas por comentário também é alto. O nível de engajamento que este vídeo tem demonstra o potencial político do TikTok como uma rede que permite mobilização social sobre os mais diversos assuntos.

Figura 2 - Prints do vídeo da BBC News no TikTok



Fonte: Página de comentários da BBC News no TikTok²

O curioso do caso acima é que Renee Nicole Good não era uma mulher imigrante, ela nasceu e viveu a vida toda nos Estados Unidos e tampouco era uma ativista. O incidente chama a atenção justamente pela violência exacerbada que os agentes federais da ICE lidam com a população. A pergunta que fica é, se a polícia federal dos Estados Unidos aborda dessa forma uma cidadã americana que aparentemente não infringiu nenhuma lei, como será que os imigrantes são tratados? As denúncias de agressões e violência são inúmeras e várias delas estão registradas nas redes sociais.

Partindo desse questionamento, o trabalho se dividirá em duas grandes categorias: primeiramente, serão analisados os conteúdos produzidos e postados por contas jornalísticas no TikTok, com foco no engajamento de curtidas e comentários que esses

² Disponível em: <https://vt.tiktok.com/ZSamPNvMg/>. Acesso em: 27 de janeiro de 2026.

vídeos trazem à tona; em segundo lugar, serão analisadas produções amadoras de conteúdo postados pelos próprios usuários da plataforma, seja no formato de denúncia, desabafo, piada etc. A partir deste princípio, aproximadamente 130 vídeos foram separados para serem analisados, além de comentários, descrições e hashtags.

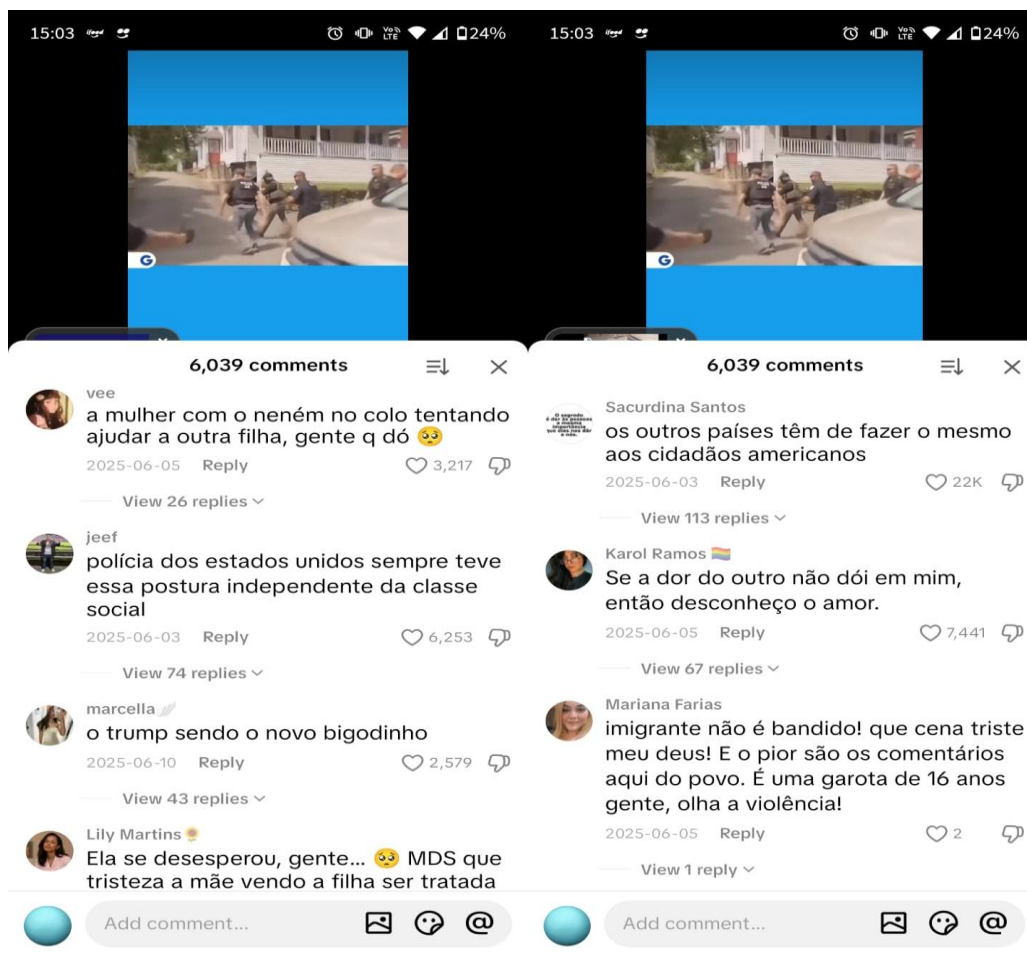
3.2 Vídeos jornalísticos e seus comentários

Diminescu (2008, apud Silva; Araujo; Assis, 2025, p. 5) propôs o conceito de “migrante conectado”, que se refere ao migrante contemporâneo que incorpora as tecnologias da informação e comunicação à sua experiência migratória. Tal conceito surge no atual contexto tecnológico que considera de forma abrangente as experiências migratórias mediadas por dispositivos e plataformas digitais. Dekker (2018, apud Silva; Araújo. Assis, 2025, p 5) demonstra que as redes sociais são uma fonte crucial de informação na tomada de decisão pelo intermédio dos smartphones, antes e durante o processo migratório. No entanto, no meio de tanta informação circulando pela internet, a dificuldade passa a ser descobrir quais fontes são confiáveis e quais não são. Com isso, os migrantes buscam várias estratégias distintas para validar o conteúdo das redes sociais, como experiências pessoais de terceiros e confirmação das informações nosjovejo jornais e noticiários. Vejamos isso na prática.

“Vídeo mostra filha de 16 anos de brasileira deportada nos EUA sendo imobilizada por agentes”, 2.3 Milhões de visualizações, 88.2 mil curtidas, 6 mil comentários; “Imigração dos Estados Unidos prende brasileira e comunidade se revolta; Itamaraty acompanha”, 241 mil visualizações, 8 mil curtidas, e mil comentários. As duas manchetes fazem referência ao mesmo vídeo, gravado na rua por um transeunte, que mostra o exato momento que vários policiais federais da ICE prendem a jovem brasileira. A primeira manchete é do jornal O Globo, a segunda é da Jovem Pan News. Apesar do conteúdo da notícia ser o mesmo, os comentários de cada postagem são totalmente diferentes. No jornal O Globo, o comentário com mais engajamento (22 mil curtidas) é “os outros países têm de fazer o mesmo aos cidadãos americanos”, enquanto na Jovem Pan News os comentário que geram mais engajamento são “manda essa petista de volta” (715 curtidas

e 65 respostas ao comentário) e “lá tem lei não é aqui no Brasil que ex-presidiário vira presidente..” (394 curtidas e 21 respostas)³.

Figura 3 - Prints dos comentários no vídeo do jornal O Globo

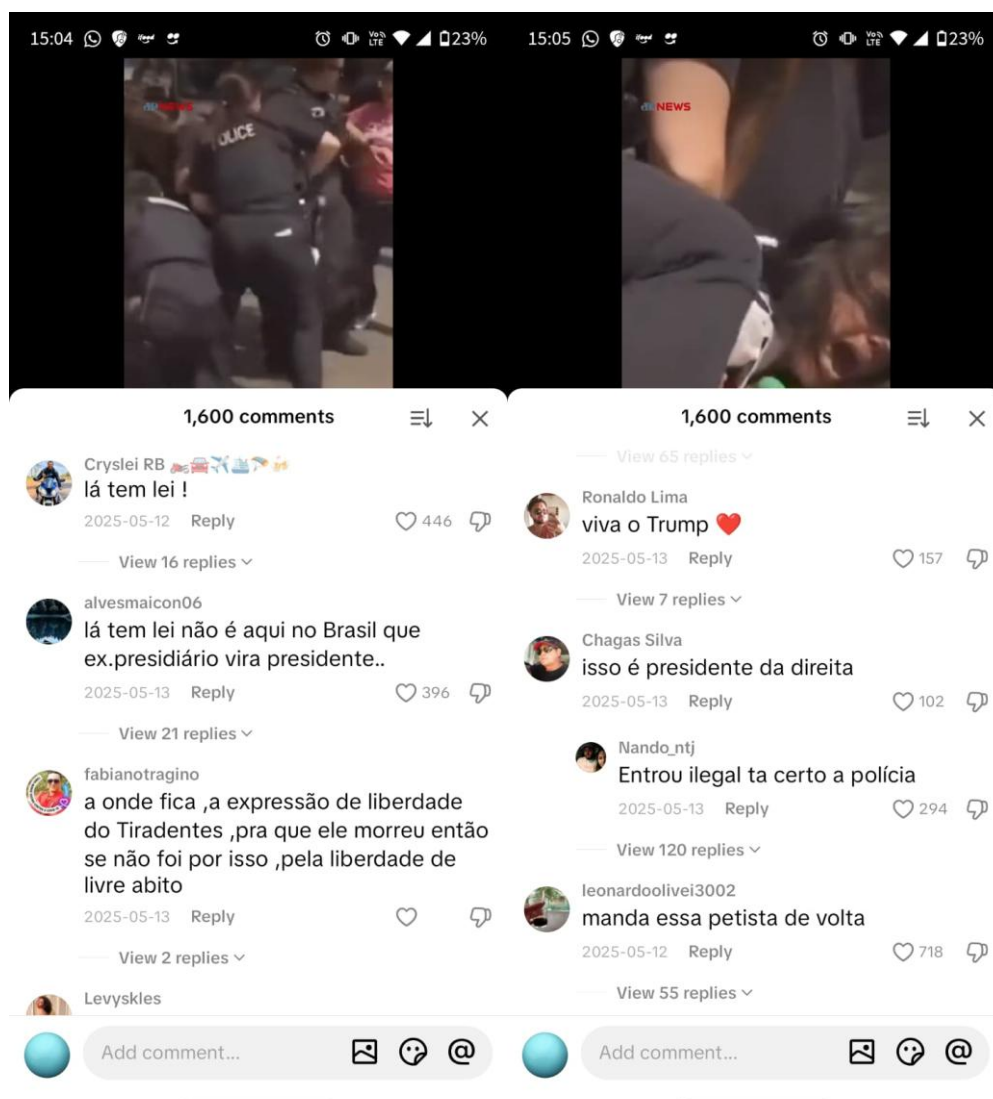


Fonte: Página de comentários do Jornal O Globo no TikTok⁴

³ Comentários transcritos *ipsis litteris*.

⁴ Disponível em: < <https://vt.tiktok.com/ZSamPSEkM/>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2026.

Figura 4 - Prints dos comentários no vídeo da Jovem Pan



Fonte: Página de comentários da Jovem Pan no TikTok⁵

Os comentários de ambos os vídeos indicam um teor político muito forte e insinuam ideias completamente distintas. As opiniões se dividem em basicamente duas vertentes, a primeira repudia explicitamente as medidas políticas do presidente Donald Trump com os imigrantes, sejam eles brasileiros ou não. Esta primeira linha de pensamento defende a diminuição da violência da política federal norte-americana e advoga contra este processo penal. Já a segunda vertente se mostra mais complexa e agressiva. Esta linha de

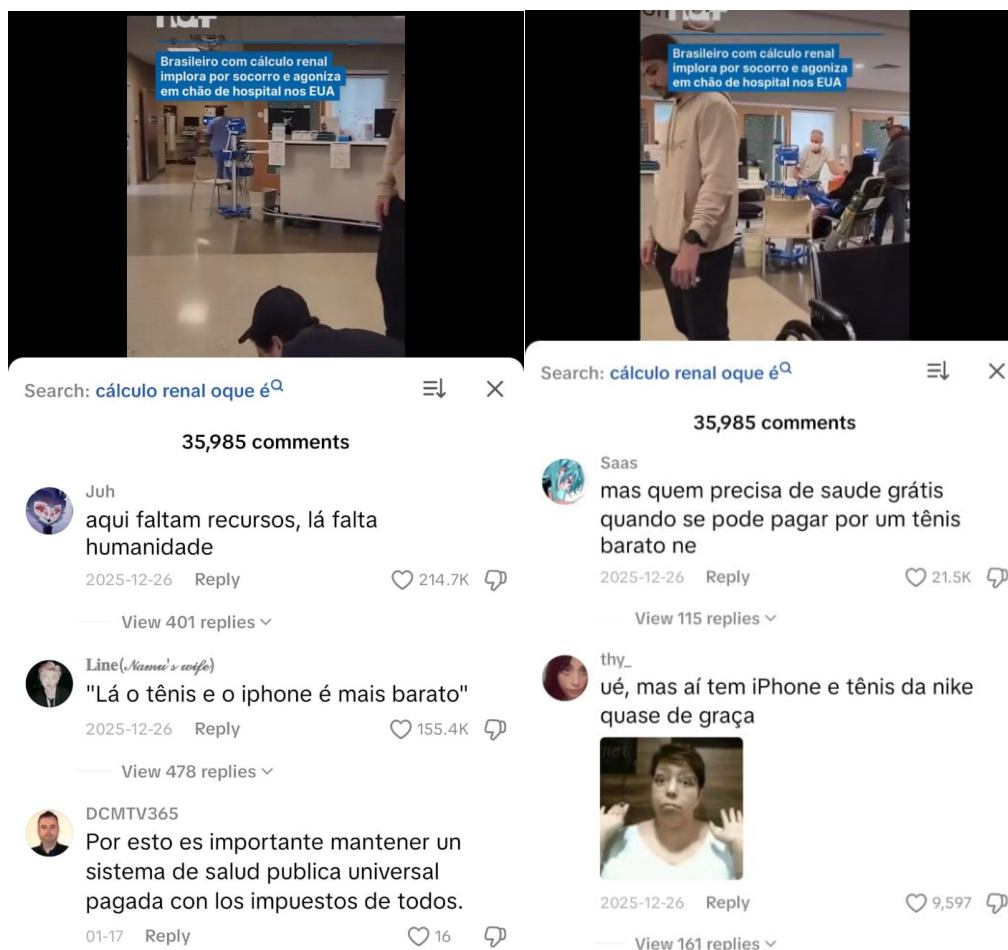
⁵ Disponível em: <https://vt.tiktok.com/ZSamPHpYj/>. Acesso em: 27 de janeiro de 2026.

comentários considera que o ato de encarceramento dos imigrantes e a deportação é culpa dos próprios indivíduos que estão sofrendo as represálias. Este ponto de vista tem um perfil político que pende para movimentos da direita política e, de modo geral, tendem a utilizar esses vídeos como exemplo de críticas aos brasileiros e a política brasileira.

A dicotomia presente nessas duas vertentes de comentários é percebida na grande maioria dos vídeos jornalísticos do TikTok. Contudo, a pergunta que fica é, quando e por que esses comentários acontecem dessa forma? De acordo com a análise dos vídeos e do próprio algoritmo da plataforma, os vídeos são apresentados aos usuários de acordo com a bolha política que interessa a cada perfil. Assim, os mesmos vídeos, postados por contas diferentes, podem movimentar opiniões muito diversas.

Outro exemplo chama atenção, o vídeo postado pelo perfil @portalndmais, possui o seguinte título “Brasileiro com cálculo renal implora por socorro e agoniza em chão de hospital nos EUA”. A cena, apesar de curta, é comovente, levando a mais de 700 mil curtidas e 36 mil comentários, é possível ver nas imagens um homem no chão do hospital chorando pedindo diversas vezes por ajuda em inglês. A maioria dos comentários (vários com muitas curtidas) são de pessoas indignadas com a falta de sensibilidade do hospital e defendendo o Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil. Muitos também ironizam a suposta facilidade financeira que os imigrantes brasileiros têm nos Estados Unidos, em contrapartida com o vídeo em que o homem agoniza no chão. Comentários que chamam a atenção são como “mas quem precisa de saúde grátis quando se pode pagar por um tênis barato né”, ou então “aqui faltam recursos, lá falta humanidade”.

Figura 5 - comentários do vídeo do homem sofrendo no chão do hospital



Fonte: Página de comentários do Portalndmais no TikTok⁶

Esse é mais um indicativo de como as mídias jornalísticas geram muito debate acerca da real situação que as pessoas vivem. A ironia e o sarcasmo são recursos muito utilizados nas redes sociais como forma de deboche a alguma ideia ou a alguém, e isso é fortemente perceptível nos comentários do TikTok. Essa divergência de posicionamento político mencionado anteriormente agrava essa hostilidade observada, levando muitas vezes, a discussões rasas sobre política, economia e status social.

A BBC News Brasil (@bbcnewsbrasil) postou no dia 9 de outubro de 2025 uma reportagem sobre a situação de brasileiros no estado de Massachusetts. Segundo a notícia,

⁶ Disponível em: < <https://vt.tiktok.com/ZSamPXhr1/> >. Acesso em: 27 de janeiro de 2026.

no dia 6 de setembro, o governo de Donald Trump iniciou a operação “Patriot 2.0”, que pretendia caçar, prender e deportar todos os indivíduos ilegais do estado. Até este momento, acreditava-se que apenas os imigrantes ilegais que haviam cometido algum crime seriam deportados. Porém, foi a partir desta operação que veio a certeza: qualquer um poderia ser preso e deportado a qualquer momento. Com isso, criou-se um sentimento de medo e incerteza entre os brasileiros que vivem no estado, e por isso, muitos começaram a adotar medidas protetivas drásticas, como evitar sair de casa, não deixar seus filhos saírem nas ruas para brincar e até mesmo tentar diminuir o sotaque para passar despercebido pelos americanos.

A reportagem apresenta o ponto de vista desses imigrantes brasileiros, que formam a maior comunidade de imigrantes do estado de Massachusetts. Contudo, os comentários do vídeo na rede social, aparentam ser apenas de brasileiros vivendo no Brasil. Comentários como “essa ditadura é na china?”, “em qual lugar da coreia do norte”, “a terra da liberdade” possuem grande nível de engajamento, seja de respostas ou de curtidas, e ironizam a imagem criada dos Estados Unidos. Enquanto outros comentários como “esses são os patriotas que amam o Trump”, “kkkkkk que beleza, lembrando que a maioria era a favor do Trump”, “ué... mas falaram que a vida nos EUA era melhor que a no Brasil?”, também possuem muito engajamento, mas dessa vez, o sarcasmo é usado contra os próprios brasileiros que vivem a situação.

Mais uma vez, o que chama a atenção nos vídeos não é apenas o conteúdo, que por si só já é impactante, mas a falta de solidariedade que reflete as dificuldades que os brasileiros enfrentam no exterior. O preconceito, pela condição de migração e ilegalidade, vem de todos os lados. Não só da sociedade norte americana, mas também dos próprios conterrâneos, que não poupam palavras para rir e debochar daqueles que escolher mudar de país. Esse tipo de preconceito corrobora para o aumento da vulnerabilidade e instabilidade desse grupo de pessoas, que já é alvo frequente da polícia e da comunidade local. O mesmo tipo de situação pode ser visto com frequência nas produções amadoras de conteúdo no TikTok.

3.3 Contextualização dos vídeos amadores

Atualmente, os estudos de migração e mobilidade buscam levar em consideração a agência e autonomia que os migrantes têm nas tomadas de decisão. Os discursos e posicionamentos se firmam como parte fundamental nas pesquisas e artigos sobre o tema. Pensando nisso, nessa etapa da pesquisa, o foco será exclusivamente nos conteúdos produzidos por brasileiros imigrantes no TikTok, ou seja, canais em que os migrantes são os próprios influenciadores. Vários perfis foram selecionados para a análise, porém apenas os conteúdos audiovisuais que são relacionados com a deportação serão utilizados. Os demais vídeos que tratam outros tópicos, como estilo de vida, turismo etc. permanecerão de fora e não serão mencionados na pesquisa.

Antes de tudo, é importante deixar claro que a maior parte dos influenciadores que postam vídeos sobre migração aos Estados Unidos falam principalmente sobre os benefícios da mudança de país. Também vale ressaltar mais uma vez que a emigração brasileira aos Estados Unidos é majoritariamente em decorrência de crises sociais e econômicas (Millar e Fanini, 2022; Neto, 2006). Por conta disso, boa parte do conteúdo desses influenciadores é relacionado a essas questões sociais, seja apresentando o estilo de vida dessas pessoas, seja mostrando o potencial financeiro, como o maior poder de compra e a suposta “facilidade” em ganhar dinheiro. Muitos desses influenciadores se dedicam exclusivamente a conquistar os brasileiros e incentivá-los a se mudar para os Estados Unidos. Contudo, o foco da pesquisa é analisar os vídeos que fazem alusão apenas às dificuldades que um imigrante pode sofrer em decorrência da possível deportação e o engajamento político que é gerado a partir disto.

Tendo isso em vista, os vídeos amadores selecionados para a análise da pesquisa poucas vezes foram postados por perfis que o foco era especificamente a deportação. Na grande maioria dos casos os canais abordavam outros temas, e esporadicamente, em alguns vídeos, o assunto “deportação” ou “migração clandestina” era evidente. Isso também é significativo para a análise, pois indica que falar sobre a deportação talvez não seja tão recorrente no dia a dia dessas pessoas. Apesar disso, há uma grande quantidade de vídeos de diversos criadores de conteúdos que acabam, vez ou outra, abordando o tema, e que infelizmente, em decorrência do tamanho desta pesquisa, ficaram de fora da

monografia. Em busca da melhor fluidez, apenas os vídeos com mais engajamento serão descritos na análise, ou seja, os que tem maior número de visualizações, curtidas e comentários.

3.4 Vídeos amadores

“Deportação em massa nos eua”, esse é o título do vídeo postado por @eusouanabea no dia 23/01/25, em resposta ao comentário que se segue: “mas amiga vc está certinha, sua documentação também, então não teria o pq estar com medo de ser deportada! (ao meu ver)”⁷. Para responder à pergunta, a influenciadora começa o vídeo com o seguinte questionamento, “por que tenho *medo* de ser deportada mesmo tendo meus documentos e não sendo imigrante ilegal?”. Segundo ela, a resposta é simples, porque um imigrante sempre é um imigrante, ou seja, mesmo que um indivíduo tenha toda documentação necessária para estar vivendo legalmente nos Estados Unidos, ele nunca deixará de ser alguém de fora. Citando suas próprias palavras, “imigrante para o governo Trump, é a mesma coisa que merda”.

Além disso, a influenciadora reproduz em seu discurso, um preconceito muito recorrente nos vídeos de brasileiros nos Estados Unidos, de que o cidadão americano “não trabalha”. Com isso, @eusouanabea não quer dizer que os estadunidenses não possuem nenhum tipo de trabalho, mas que eles não se sujeitam a nenhum trabalho “pesado”, como cozinhar, lavar, limpar, construir etc. Há, portanto, a consolidação da ideia de que os Estados Unidos “precisa” da América Latina e dos imigrantes para se manter uma potência mundial. Quem aceita esses empregos que são economicamente desvalorizados e fisicamente exaustivos, muitas vezes, são os imigrantes. E isso, segundo @eusouanabea, corrobora para a estigmatização dessa classe social que já é vulnerável economicamente e socialmente. E é por conta desse preconceito contra a comunidade de migrantes nos Estados Unidos que se instaura socialmente a naturalização do grande déficit de direitos políticos dessa classe social.

A criadora de conteúdo conclui seu vídeo se perguntando como é possível se sentir segura em um ambiente que o “imigrante não vale nada?”. Ela explica que ainda que

⁷ Comentário transcrito *ipsis litteris*.

tenha toda a documentação regular e seja casada com um americano, e em tese, não pudesse ser deportada, nada garantiria que o governo não a mandasse embora. Os comentários do vídeo divergem muito nas opiniões. Alguns aconselham a mulher a deixar os Estados Unidos e voltar para o Brasil. Outros dizem que seu discurso não faz sentido pois Trump estaria deportando apenas imigrantes irregulares. São mais de 600 comentários e 15 mil curtidas no vídeo.

Alguns meses depois, @eusouanabea denunciou a ameaça da diretora do colégio de seu filho de três anos, mencionado anteriormente na introdução. Em julho de 2025, Bia (@eusouanabea) narrou o momento em que a diretora a chamou para perguntar se seu filho era um cidadão “legal” pois a polícia ICE iria visitar a escola e caso ele não estivesse com toda documentação correta, ele seria preso e deportado. A influenciadora demonstra profunda indignação com a situação e explica que tem se tornado cada vez mais comum o desaparecimento de crianças pequenas que são pegadas pela polícia enquanto estão estudando na escola, e acabam retornando ao seu país de origem sem seus familiares. No começo do ano, muitos vídeos pipocaram nas redes sociais com imagens de crianças pequenas presas sem seus pais nos centros de detenção aguardando para serem deportadas. Bia continua sua fala e critica os brasileiros que são apoiadores do presidente Donald Trump, que quando são questionados sobre suas opiniões políticas, respondem que os imigrantes que se sentem incomodados deveriam retornar ao seu país de origem. A mulher no vídeo faz seu desabafo com profunda indignação e por fim diz “é nojento, é podre... você deixar uma criança na escola e você não saber se quando você voltar a criança vai estar lá ou não” (trecho transcrito do vídeo).

Ofélia Schneider (@offeliars), apesar de não ser imigrante, também produziu um vídeo curto sobre o mesmo tema que gerou grande repercussão. No vídeo a autora não fala nada, apenas aparece na frente da câmera com a seguinte frase na tela “crianças imigrantes estão sendo BUSCADAS nas creches pra serem deportadas e os boca de funil ainda acham que os Estados Unidos não estão vivendo uma ditadura pq o presidente não tem olho puxado mas sim uma pele laranja”⁸. A legenda do vídeo é a seguinte, “a única

⁸ Trecho transcrito tal qual aparece no vídeo.

função dos estragos unidos é ter imigrante que vai visitar e até com isso eles estão acabando”. Este é um exemplo de conteúdos no TikTok que não estão diretamente conectados, mas que, de uma forma ou de outra, conversam entre si. Especificamente neste caso, os dois vídeos aparentemente compartilham a mesma opinião política que é contra as deportações violentas de crianças e adolescentes. Há, inclusive, comentários que citam o vídeo de @eusouanabea.

Figura 6 - comentários no vídeo de @offeliars que citam @eusouanabea



Fonte: Página de comentários de Ofélia Schneider no TikTok⁹

⁹ Disponível em: < <https://vt.tiktok.com/ZSamPC3eF/>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2026.

Em ambos os casos, o foco do conteúdo está na insegurança e na facilidade que algumas pessoas são presas atualmente nos Estados Unidos. O que chama atenção é o tamanho da violência que está sendo usada contra famílias inteiras. Prender crianças e depois deportá-las sem seus parentes é chocante pelo nível de crueldade utilizado pela polícia americana e que, além de tudo, vai contra os direitos humanos. Essa situação pode ser analisada sob a perspectiva de Giorgio Agamben e sua contribuição da teoria de biopolítica de Foucault. Segundo o filósofo italiano, o poder soberano (neste caso, Donald Trump), produz uma área de exclusão e inclusão, simultaneamente (Agamben, 2007). Esta zona, chamada pelo autor de “campo”, é o lugar que se legitima as ações do soberano sobre a vida que merece ou não ser digna de ser vivida. Agamben retoma o conceito de “Homo Sacer”, que de acordo com o direito romano arcaico, seria o indivíduo juridicamente “matável”. Isto é, o indivíduo declarado juridicamente como isento de direitos, condenado a viver em um “estado de exceção”.

No caso dos imigrantes, ilegais ou não, legitima-se juridicamente (e simbolicamente) esse estado em que alguns indivíduos são incluídos na sociedade política, e com isso detêm direitos e deveres, enquanto outros são excluídos, e com isso estão à mercê da sociedade. Os imigrantes passam a experienciar uma vida considerada por muitos, e principalmente pelo presidente, como indigna de ser vivida e consequentemente, sem compaixão, pena ou remorso da população ao redor.

Outra criadora de conteúdo também faz seu relato de uma situação como imigrante nos Estados Unidos que demonstra esse caráter de “falta de empatia”. O título do vídeo é “uma americana chamou a imigração na rua para me prender hoje”, nele a Jessica (@jessy.conejo) conta que estava tranquilamente caminhando até uma loja. Em frente ao estabelecimento três viaturas da polícia estavam estacionadas e enquanto entrava no recinto uma mulher desconhecida estava saindo. Elas cruzaram olhares e a mulher percebeu imediatamente que Jessica era estrangeira. Assim que avistou as viaturas estacionadas na calçada a mulher começou a gritar “*immigration! Immigration!*”, numa tentativa de chamar a atenção dos policiais. Contudo, os policiais não estavam nas viaturas, e percebendo isso, a mulher começou a rir e foi embora.

Apesar do relato ser forte e mostrar com clareza a tensão social que os imigrantes estão vivendo, Jessica contou a história de forma leve e bem-humorada, e demonstrou muita calma e segurança ao lidar com a situação. No vídeo a mulher conta que não sentiu medo por estar com todos os documentos regulamentados e também por não ter cometido nenhum crime. Mesmo com todo o bom humor que apaziguou a tensão da situação, Jessica termina o vídeo falando que não tinha certeza das reais intenções dessa americana e demonstra por fim, profunda indignação com o ocorrido.

Indiretamente, os casos de Jessica e Bia retratam o mesmo problema social, o medo e a instabilidade que os imigrantes latino-americanos vivem diariamente nos Estados Unidos. A propaganda política feita por Donald Trump explicitamente incentiva a população a denunciar “imigrantes clandestinos” para que estes sejam presos e deportados, e é exatamente isso que a população tem feito. Assim, a segregação social cresce a cada dia, e com isso, o preconceito e a discriminação também. Pensando nisso, na tentativa de ajudar seus conterrâneos, alguns criadores de conteúdo fizeram vídeos de conscientização e explicação de como evitar ser deportado. Vídeos ensinando o que falar numa abordagem policial ou na sala da inspeção secundária (“*Secondary Inspection*”, sala destinada a interrogatórios de indivíduos que estão com alguma irregularidade).

O perfil @califapelocria é um canal de um imigrante brasileiro que se dedica a dar dicas e mostrar sua vida nos Estados Unidos. Seu principal conteúdo é mostrar como ganhar dinheiro e como encontrar trabalho no país. Contudo, no dia 23 de janeiro de 2025, o criador postou um vídeo com informações para auxiliar pessoas sobre a presença do ICE¹⁰ e como evitar as prisões. Segundo o autor do vídeo, que não tem seu nome exposto no seu canal, o Serviço de Imigração tem aumentado o número de operações de fiscalização nas ruas e em estabelecimentos. Os *check points*, como são chamadas essas “blitzen” do ICE, tem ocorrido principalmente em áreas com alto índice de imigrantes. Por conta disso, as deportações têm aumentado exponencialmente e, assim, o medo e a angústia também tem crescido muito para essas pessoas que correm o risco de serem deportados.

¹⁰ Serviço de Imigração e Controle de Alfândega

No vídeo, o influenciador aconselha aos imigrantes que tem o visto de turista e o visto de estudante, a não trabalharem. Ele diz que sabe que essas pessoas geralmente procuram emprego para fazer uma renda extra, porém segundo @califapelocria, caso algum desses seja parado pela imigração, vai ser deportado. O que chama atenção nesse caso, são os comentários do vídeo, nele muitos indivíduos demonstram um profundo desconhecimento de sua situação como imigrante. As discussões sobre o que pode e o que não pode ser feito enquanto um imigrante nos EUA, são recorrentes e as pessoas frequentemente divergem suas opiniões e perspectivas. Comentários com experiências pessoais são comuns, e mesmo assim, há sempre opiniões diversas sobre os casos.

Este vídeo produzido por @califapelocria pode ser considerado um bom exemplo de brasileiros criando uma rede de comunidade para se ajudarem entre si, que pode ser observado pela quantidade de visualizações (479 mil) e curtidas (19 mil). Porém, a partir da análise dos comentários deste vídeo e dos mencionados anteriormente (@eusouanabea e @jessy.conejo), fica evidente a situação de vulnerabilidade que esses imigrantes estão vivendo. Além disso, também aponta a dificuldade que essa população tem para se manter no país, uma vez que frequentemente os indivíduos não possuem autorização legal para trabalhar, no entanto, também não podem ficar sem nenhuma fonte de renda. Isso cria um paradoxo que é observável nos conteúdos do TikTok, no qual é impossível financeiramente ficar sem trabalhar e, é exatamente isso que coloca o indivíduo na “ilegalidade”. Vale ressaltar que os vistos são diferentes, e não são em todos que é proibido o trabalho, contudo, os vistos que exigem menos burocracia e que são mais comuns entre os brasileiros normalmente não permitem nenhum tipo de remuneração.

Portanto, evidencia-se que a dificuldade dos brasileiros não é apenas decorrente da falta de documentação, mas da violação dos documentos que permitem a permanência dos indivíduos no país. Isso faz com que uma pessoa que está regulamentada nos Estados Unidos se torne “ilegal” imediatamente, apenas por estar trabalhando. Por isso que o vídeo de @califapelocria se torna tão relevante na análise, por ser um aviso de que a polícia está ativamente procurando esses imigrantes que estão procurando fazer uma fonte de renda de forma irregular. Essa é uma política de tolerância zero que o governo de Donald Trump tem instituído, com o intuito de deportar o máximo de pessoas possíveis.

Como visto anteriormente na bibliografia reunida, o trabalho é um tópico importante e recorrente nos conteúdos criados por brasileiros no exterior. Segundo Machado (2015), o imigrante, em geral, enfrenta dificuldades financeiras assim que chega no país. Muitas vezes os indivíduos acumulam dívidas para conseguir realizar as viagens, e por conta disso, se encontram em situação de fragilidade econômica logo nos primeiros meses (Machado, 2015). Por conseguinte, esses imigrantes brasileiros nos Estados Unidos enfrentam um estado de dupla vulnerabilidade, em primeiro lugar pela condição de indocumentação ou até mesmo de irregularidades na documentação (como trabalhar sem ser permitido pelo visto), e em segundo lugar pela instabilidade financeira. Dessa forma, cria-se um paradoxo complexo, onde alguns indivíduos não podem trabalhar legalmente, mas devido às dificuldades econômicas, não podem se dar ao luxo de não procurar uma fonte de renda.

Muitos criadores de conteúdo denunciam essas dificuldades dos trabalhadores no TikTok, porém neste trabalho serão utilizados apenas dois exemplos para auxiliar na análise. O primeiro deles, é um vídeo postado por @elizabethesaboia23 no dia 4 de maio de 2025, que começa com a seguinte frase: “a coisa está séria aqui para os imigrantes [...] o ICE *ta* pegando geral nos canteiros de obra”. Saboia é uma mulher imigrante que vive nos Estados Unidos e, assim como os criadores já citados, posta vídeos sobre seu dia a dia como estrangeira no país. Neste caso específico, a mulher explicou que na região em que ela mora muitos trabalhadores estão sofrendo as consequências das deportações de Donald Trump. De acordo com ela, os trabalhadores são o principal alvo das buscas do ICE e, por conta disso, muitos lugares que utilizavam mão de obra estrangeira estão ficando sem funcionários. Elizabete também reforça o discurso de que os americanos não se sujeitam ao serviço braçal tal qual os estrangeiros (os brasileiros, os mexicanos, os haitianos, os venezuelanos, etc). Segundo ela o principal local que esses imigrantes trabalham nos Estados Unidos é na construção civil, e que se essas pessoas forem deportadas, não haverá mais mão de obra para construir casas e prédios. No final de sua fala, a influenciadora deixa um vídeo de imigrantes sendo presos de forma violenta em canteiros de obra no país.

Há outro agravante, além desses já mencionados, que @juniorpena00 explicitou, é referente a quem são essas pessoas que o ICE está prendendo, e segundo ele, geralmente é o provedor financeiro da família. O canal de Junior é dedicado a entrevistar e mostrar a vida de diversos brasileiros nos EUA. No vídeo postado no dia 31 de março de 2025 com o título “observação sobre as prisões feitas pelo ICE”, o homem apresenta seu ponto de vista acerca das deportações recentes. De acordo com ele, é comum as pessoas pedirem sua ajuda por ser criador de conteúdo, e sempre que isso acontece, é a mãe de uma família que o marido foi preso e vai ser deportado. Nesses casos, é frequente o pai (principal provedor financeiro) ser deportado e os demais membros da família não encontrarem outra opção a não ser a deportação voluntária da família toda (Machado, 2015). Ainda de acordo com Junior, essa medida seria um plano do governo para facilitar a deportação da família inteira, sem precisar deportar um por um.

A teoria de Junior tem fundamento nas políticas de Donald Trump que estão facilitando e incentivando a autodeportação de indivíduos documentados. Essa medida política é pensada para evitar os custos da deportação, que acabam sendo caros para o governo federal. Assim, ao invés de prender e deportar, o governo dá um incentivo financeiro suficiente para a pessoa retornar ao seu país de origem.

O influenciador Lucas Mantovani (@mantovanilucas) também falou sobre o assunto, e explicou em seu vídeo o que seria a pergunta que ele mais recebe nos últimos tempos, “por que de repente várias pessoas estão deixando os EUA?”. Segundo ele, o porta voz da Casa Branca (sede oficial do poder executivo) disse que “todo imigrante sem documento, sem visto, que está nos Estados Unidos a mais de trinta dias, vai poder se registrar e sair dos EUA voluntariamente”. O que isso quer dizer? Em linhas gerais, todos os estrangeiros que estão de forma irregular no país vão poder fazer o registro de sua situação de ilegalidade e vão poder sair do país sem nenhum processo contra o indivíduo. Isso significa que se o sujeito fizer a opção pela autodeportação, ele ainda terá chance no futuro de retornar legalmente ao país. No caso da deportação isso é praticamente impossível. Quando o indivíduo é pego pela polícia em situação de ilegalidade ou de irregularidade, ele pode ser multado, preso e deportado. Além disso, essa infração fica documentada como registro criminal, minando qualquer chance de visto no futuro. Ainda

de acordo com @mantovanilucas, é por isso que as pessoas que estão sem documento decidem deixar o país, para deixar o caminho aberto e poder retornar futuramente.

A influenciadora Melissa Mondadori (@melzinhausa) publicou um vídeo que dialoga diretamente com o assunto. O título é “estou deixando os Estados Unidos e voltando para o Brasil”, publicado no dia 14 de julho de 2025. Sua publicação começa com a seguinte prerrogativa, por que voltar ao Brasil se tudo está tão caro e difícil? Ela mesma responde que a vida nos Estados Unidos também está muito cara e difícil, e explica que, segundo ela, para se manter nos EUA é preciso de aproximadamente 5 a 8 mil dólares por mês, o equivalente a 30 ou 40 mil reais no Brasil. Melissa continua sua fala e diz que tem visto muitos vídeos de brasileiros que estão retornando ao Brasil e, pensando nisso, perguntou para muitas dessas pessoas os motivos que os levaram a tomar essa decisão. De acordo com ela, a resposta da maioria das pessoas é o medo, medo das políticas governamentais de Donald Trump, medo da polícia da imigração, medo de ser preso e deportado. O medo é o maior causador desse retorno massivo. Melissa, diz também que, de acordo com as conversas, as redes de apoio fazem toda diferença nessa decisão, principalmente para as famílias que tem filhos. Além disso, os imigrantes têm enfrentado uma escassez de oportunidades nos Estados Unidos.

Elizabete Saboia (@elizabetesaboia23), mencionada anteriormente, também falou do assunto em um vídeo mais recente. Segundo ela, o presidente Donald Trump está pagando todas as despesas para os imigrantes ilegais irem embora, desde passagem aérea até a alimentação durante o percurso. Ela disse ainda que, além de todas as despesas pagas, o governo supostamente também daria gorjeta aos que fizeram a autodeportação. No vídeo, ela brinca com a situação e diz que Trump não gosta de bajuladores e que todos esses que vão até a América do Norte para se dar bem, vão ter que voltar ao seu país.

Este discurso de Saboia tem um tom de deboche característico em alguns conteúdos online. Elizabete ri da situação de muitas pessoas que estão sofrendo com as deportações e seus seguidores comentam emojis de risada, concordando com o discurso proferido pela mulher. Como mencionado anteriormente, as deportações de cidadãos brasileiros têm explicitado a polarização política que vivenciamos atualmente no Brasil. O influenciador Lucas Mantovani (@mantovanilucas), que já foi citado na análise, é um

bom exemplo do extremismo político presente no TikTok. Lucas postou dois vídeos no começo de 2025 que começavam com frases sensacionalistas que referenciavam a situação dos deportados, mas na realidade o vídeo não era focado na situação dessas pessoas. Seus vídeos são críticas políticas a esquerda brasileira que, de acordo com ele, corrompe a informação dos jornais e noticiários.

No dia 26 de janeiro de 2025 @mantovanilucas publicou o primeiro vídeo relacionado ao assunto com o seguinte título “a verdade por trás das deportações de brasileiros nos EUA!”. A legenda, “olha só o tipo de narrativa que a esquerda quer empurrar”, entrega o real objetivo do influenciador. O vídeo começa com dados do governo Biden (ex-presidente dos Estados Unidos), que Lucas afirma ter deportado mais de 7 mil brasileiros algemados. Segundo ele, as deportações em massa sempre ocorreram nos Estados Unidos, a grande questão é que elas não eram noticiadas nos jornais. A culpa pela suposta omissão de informação, de acordo com Mantovani, é da esquerda que “agora que está perdendo força no mundo inteiro, resolveram fazer barulho, tentando criar revolta para colocar a culpa na direita”¹¹. Para comprovar sua teoria de que a mídia está corrompida pelo governo “esquerdista”, ele utiliza o exemplo de um deportado, chamado Sinval que, de acordo com os jornais, foi preso e condenado a cinco anos de prisão federal por participação em esquema de lavagem de dinheiro. Lucas afirma em seu vídeo que a informação da deportação de Sinval foi manipulada pela mídia brasileira que, supostamente, não mostrou os reais motivos para a deportação do homem. Ele termina o vídeo dizendo que as deportações aconteceram e sempre vão acontecer, mas que para a esquerda isso não importa, o importante é ganhar votos.

Pouco tempo depois, no dia 29 de janeiro de 2025, @mantovanilucas postou outro vídeo com o título “deportação em massa dos EUA!”. Ele começa fazendo um apelo emocional, com frases que insinuam o abandono do governo às famílias que estavam construindo sua vida e perderam tudo por causa das deportações. Depois do começo sensacionalista, Mantovani afirma não estar falando das medidas tomadas por Donald Trump, mas sim dos mais de 3 milhões de imigrantes que Obama deportou entre 2009 e

¹¹ Citação direta do vídeo.

2017. Disse também que o governo Biden mandou mais de 37 aviões com brasileiros deportados durante seu mandato. E que em ambos os casos, a esquerda e a mídia ficaram calados, e que agora, pelo contexto político, é conveniente politicamente noticiar esses casos do governo de Trump.

Figura 7 - print dos comentários no vídeo de @mantovanilucas



Fonte: Página de comentários de Lucas Mantovani no TikTok¹²

Esses dois vídeos do começo do ano possuem grande engajamento no TikTok e geram muita discussão nos vídeos entre os telespectadores. Lucas Mantovani não mentiu

¹² Disponível em: < <https://vt.tiktok.com/ZSamPsoSH/>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2026.

em seus dados, Barak Obama realmente deportou mais de 3 milhões de imigrantes em oito anos de governo, e Biden também mandou 37 aviões com brasileiros algemados. No entanto, o que chama atenção no caso atual de Donald Trump é a violência que esses casos são tratados, e a massificação dessas deportações. Mantovani é sensacionalista em seus vídeos e seu conteúdo induz seus seguidores a acreditarem que todos os deportados são criminosos. A análise geral dos vídeos sugere algo contrário, não que não há criminosos entre os deportados, mas que muitas famílias inocentes que estão tentando viver uma vida digna, têm prisões violentas e desumanas.

De acordo com Machado (2015), há um ponto que dificulta muito a permanência e inserção desses imigrantes nos Estados Unidos, que é a rivalidade e o baixo senso de comunidade entre os brasileiros. Esses vídeos do TikTok trazem uma perspectiva interessante sobre essas comunidades. Como observado no caso de @mantovanilucas, a comunidade de brasileiros é suficientemente grande e solida, o bastante para diversos criadores de conteúdo (como Mantovani) conseguirem bastante engajamento mostrando sua vida e formas de se manter nos EUA. Contudo, essa comunidade apresenta conflitos e rivalidades que, ao invés de ajudar os indivíduos, podem acabar afastando os grupos entre si, dificultando ainda mais a vida desses imigrantes. Assim, observa-se como o deboche e a ironia ajudam a consolidar um ambiente moralista e hostil entre os brasileiros que, no final das contas, estão apenas tentando sobreviver em um país que é violento com estrangeiros e é abertamente contra sua presença.

Conclusão

Assistindo os vídeos, busquei compreender a relação da plataforma TikTok no contexto de deportação norte-americano. Desse ponto de partida, muitos vídeos foram pré-selecionados para fazer a análise, e após um longo período assistindo os vídeos e buscando encontrar uma relação entre eles, apenas alguns foram escolhidos. A tentativa inicial foi de separar os conteúdos em categorias e, posteriormente, estudar cada categoria individualmente. No entanto, a diversidade de vídeos e conteúdos encontrados era muito vasta, e essa categorização se perdeu ao longo da pesquisa. A única categoria que se manteve coerente, foi a distinção entre produções amadoras de conteúdo, e produções de mídias já consolidadas. A separação de conteúdos e a delimitação dos vídeos foi fundamental para a organização das análises e para o aprofundamento da pesquisa.

Após essa primeira etapa de pequena categorização, as análises começaram com os vídeos jornalísticos. Para este trabalho, foram utilizados apenas vídeos classificados como populares, isto é, com muitas visualizações, curtidas e comentários. A princípio, a ideia original era utilizar os vídeos de jornais apenas para comprovar as informações que apareceram nas produções amadoras, contudo, depois de um olhar atento para o conteúdo, foi percebido um grande potencial de estudo nas interações dos vídeos. A partir disto, o foco foi na análise das discussões geradas nos comentários, e em como os discursos presentes neste ambiente, elucidam a estigmatização desses imigrantes. Muitos comentários sarcásticos, irônicos e violentos saltavam à primeira vista e, com estes, diversos outros que estavam respondendo os anteriores. Discussões acaloradas e agressivas eram comuns nas notícias sobre os Estados Unidos e sobre os brasileiros que vivem no país.

Apesar da quantidade de pessoas expondo suas opiniões na internet, o formato da plataforma não é adequado para esse tipo de interação. Assim, na grande maioria das vezes, as discussões permanecem rasas e sem aprofundamento de informações. Os comentários são delimitados por um número baixo de caracteres, o que influencia diretamente nas postagens dos usuários. Ainda que essa limitação impeça grandes debates, muitas pessoas não parecem hesitar ao expor seus pontos de vista sobre a vida

de outras pessoas. Assim, cria-se um ambiente hostil de grandes conflitos políticos na plataforma, que vez ou outra, se mobiliza socialmente em prol de algum caso específico.

Um bom exemplo disso, é a influenciadora @naibritousa, que não foi apresentada no capítulo de análise de dados, mas que precisa ser atribuída na pesquisa. Esta conta é gerenciada por uma jornalista que mora nos Estados Unidos e se dedica a contar histórias de imigrantes no país. Seu perfil consiste exclusivamente em vídeos que apresentam casos e situações de brasileiros que enfrentam dificuldades pela situação que o país se encontra atualmente. Esta conta é um exemplo de brasileiros tentando criar uma comunidade consistente nas redes sociais. Contudo, a quantidade de comentários agressivos e violentos contra os casos apresentados pela mulher é surpreendente.

Posteriormente a análise de vídeos jornalísticos, as produções amadoras foram as análises que mais tomaram tempo da pesquisa. Foi feito um estudo atento dos discursos produzidos pelos criadores de conteúdo, e da forma que esse conteúdo era apresentado nos vídeos. Infelizmente muito material precisou ser descartado para a adequação do tamanho esperado em uma monografia. Os vídeos que por fim foram utilizados, eram os mais chamativos nos primeiros momentos, e que tinham grande engajamento.

Tendo em vista que o conteúdo era muito diverso e a quantidade de material também era muito grande, a primeira dificuldade foi elaborar uma linha de raciocínio coerente para a pesquisa. No entanto, como era o esperado, a bibliografia reunida serviu de base para começar os estudos, e assim, todas as análises foram feitas sob a perspectiva desses textos. Ao todo foram utilizados 17 vídeos de oito criadores de conteúdo diferentes, que foram descritos e estudados na monografia.

Para facilitar a compreensão do conteúdo dos vídeos, eles foram separados em temas mais frequentes, como relatos pessoais, relatos de terceiros, conscientização, entre outros. Assim, foi possível perceber a frequência que alguns discursos apareciam e a sua relevância dentro da comunidade. Foi dessa forma que a dicotomia política ganhou destaque. Mesmo nos vídeos que contam histórias pessoais dos usuários, a retórica política estava sempre presente, seja do próprio criador de conteúdo, seja nos comentários

dos seguidores. Essa disputa política frequentemente causava brigas e discussões nos comentários que, muitas vezes, aparecia de forma sutil, e outras vez, de forma explícita.

Além disso, também ficou evidente a diferença de perspectivas entre aqueles que eram imigrantes e aqueles que não eram. Parece óbvio pensar que haveria diferenças entre imigrantes e não imigrantes, contudo, isso é relevante ao se analisar os comentários. Os usuários que moram nos Estados Unidos, em diversos momentos, demonstram uma insegurança muito grande sobre sua situação. Enquanto aqueles que vivem no Brasil, parecem sempre ter certeza sobre a “verdade” e a forma como as coisas acontecem no exterior.

Ademais, o tópico que mais chamou atenção e que foi mais frequente na maior parte da pesquisa, é o medo. O medo é um sentimento recorrente nos discursos de imigrantes e de criadores de conteúdo que buscam ajudar e conscientizar a população. A insegurança, o desconforto e a instabilidade também são perceptíveis em diversos vídeos. E todos esses sentimentos aparecem das formas mais diversas, nos detalhes, nas entrelinhas dos discursos. A exposição dessas vivências permite ao usuário uma nova perspectiva sobre a migração, que muitas vezes, rompe com o imaginário popular do glamour, do sucesso econômico e social, e torna evidente os reais impactos sociais e subjetivos da deportação.

Por fim, de modo geral, os resultados da pesquisa evidenciaram o caráter político do TikTok. A plataforma, que é popular pelo entretenimento, também se apresentou como um espaço propício à desabafos, denúncias e elaboração simbólica de indivíduos e grupos. Além disso, a rede social também facilita um diálogo entre os indivíduos que pode proporcionar trocas de informações, conselhos e dicas sobre como sobreviver da melhor forma nesses contextos de tensão social.

Dessa forma, a pesquisa contribui para a antropologia ao incorporar as redes sociais digitais como forma legítima de análise, reconhecendo os próprios migrantes como autores de suas próprias narrativas. Finalmente, reconhece-se que esta monografia apresenta limitações, e que por isso, não se aprofunda completamente na análise. Portanto, a porta segue aberta para que a pesquisa, possivelmente, continue no mestrado e no doutorado de forma mais ampla.

Referências

- ABA, tv. Ciclo de debates: Deportações e expulsões no continente. YouTube, 23 de maio de 2025. 2h15min21s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=79cg-WN-tKE&t=3977s>. Acesso em 07 de novembro de 2025.
- AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- AMARAL, A. ; VIANA, L. ; NATAL, G.. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Famecos/PUCRS, Porto Alegre, n. 35, p. 20, dezembro 2008.
- Andersson, K. (2019). Digital diaspora: An overview of the research areas of migration and new media through a narrative literature review. *Human Technology*, 15(2), 142-180-142-180.
- Ardèvol E. y Gómez Cruz, E. (2015). Las tecnologías digitales en el proceso de investigación social: reflexiones teóricas y metodológicas desde la etnografía virtual.
- ASSIS, G. de O.; SASAKI, E. M. Os novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: CASTRO, M. G. (org.). Migrações internacionais: contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001. p. 615-669.
- BARBAI, Marcos Aurélio. Travessias contemporâneas: o brasileiro clandestino deportado. **Guavira**, Campinas, v. 10, n. 10, p. 25-39, Não é um mês valido! 2010. Disponível em: http://www.imigracaohistorica.info/uploads/1/3/0/0/130078887/travessias_contemporaneas_barbai.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.
- BRAUN, Lesley Nicole; MATEUS, Anna Magdalena Vollmer. Contemporary Ethnographic Aesthetics: the tiktok turn. **Visual Anthropology**, [S.L.], v. 37, n. 3, p. 195-211, 26 maio 2024. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/08949468.2024.2330268>.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. [S.L.]: Paz e Terra, 2006.
- Castells, M. (2009). *Comunicación y poder*. Madrid, España: Alianza
- CAVALCANTI, Leonardo; DE OLIVEIRA, Márcio. O tema das migrações internacionais na Sociologia no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, [S. l.], v. 6, n. 12, 2018. DOI: 10.20336/rbs.235. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/343>. Acesso em: 29 maio. 2025.
- CERRETANI, James Francis. Do I Belong on TikTok? Algorithmography and Self-Making. **Teaching Anthropology**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 36-47, 13 nov. 2023. NomadIT. <http://dx.doi.org/10.22582/ta.v12i1.681>.
- CRUZ, Fábio Lucas da. A história e as memórias do exílio brasileiro. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Florianópolis, v. 1, n. 20, p. 115-137, jun. 2012.
- DAL LAGO FERMANIAN , Talita. Deportação De Imigrantes Ilegais: Impactos E As Consequências Legais E Humanas Para O Brasil. **Periódicos LATTICE**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2025. DOI: 10.70579/pl.v2i2.41. Disponível em: <https://ojs.periodicoslattice.com/latticemultidisciplinar/article/view/41>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- DE GENOVA, Nicholas. O poder da deportação. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [S. l.], v. 28, n. 59, p. 151-160, 2020. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/1247>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- FASSIN, Didier; LINS, Marcela Barbosa. A biopolítica não é uma política da vida. **Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S.L.], v. 13, n. 27, p. 10-27, 6 abr. 2023. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41779>.

FELDMAN-BIANCO, Bela; SANJURJO, Liliana; SILVA, Douglas Mansur da. Migrações e deslocamentos: balanço bibliográfico da produção antropológica brasileira entre 1940 e 2018. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 93, p. 1-58, ago. 2020.

FUSCO, Wilson. **Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares**. 2000. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GOLASH-BOZA, Tanya. The Parallels between Mass Incarceration and Mass Deportation: An Intersectional Analysis of State Repression. **Journal of World-Systems Research**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 484-509, 2016. DOI: 10.5195/jwsr.2016.616. Disponível em: <https://jwsr.pitt.edu/ojs/jwsr/article/view/616>. Acesso em: 27 jan. 2026.

GOZA, F. A imigração brasileira na América do Norte. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 65-82, 1992. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/515>. Acesso em: 25 maio. 2025.

Gramsci, Antonio. Cadernos do cárcere. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. (p.11 a 55)

Guber, R. (2001). La etnografía, método, campo y reflexividad. -Bogotá: Editorial Norma.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday**. Londres: Routledge, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003085348>. Acesso em: 10 jun. 2025.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage, 2000.

IZECKSOHN, Vitor. Deportação ou integração. Os dilemas negros de Lincoln. **Topoi (Rio de Janeiro)**, [S.L.], v. 11, n. 20, p. 55-74, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101x011020005>.

MACHADO, Igor José de Renó. Brasileiros no exterior e cidadania (1980-2005). **Revista TOMO**, [S. l.], 2015. DOI: 10.21669/tomo.v0i0.4407. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/4407>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MACHADO, I. J. de R. **Perspectivas atuais da emigração brasileira (2000-2020)**. SciELO Preprints, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6317. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6317>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MADRIGAL, Juan Antonio del Monte. Devenir habitante de calle en una ciudad fronteriza del norte de México: deportación, consumo de drogas y violencias. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 159, 27 fev. 2019. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30700>.

MENDES, Beatriz; ANDRADE, Graciela; CUNHA, Pedro; VILELLA, Fabiano; ZUBA, Fernando. Fumaça em avião e mecânico a bordo: brasileiros deportados dos EUA falam sobre medo de morrer no voo. **G1 Minas Gerais**. Belo Horizonte, p. 1-6. 26 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2025/01/26/fumaca-em-aviao-e-mecanico-a-bordo-brasileiros-deportados-dos-eua-contam-sobre-susto-durante-voo.ghtml>. Acesso em: 16 jan. 2026.

MENESES, Guillermo Alonso. Los muros fronterizos y las deportaciones de inmigrantes como tecnologías biopolíticas en los Estados Unidos. **Tabula Rasa**, [S.L.], p. 29-45, 1 jan. 2020. Colegio Mayor de Cundinamarca. <http://dx.doi.org/10.25058/20112742.n33.02>.

MILLAR, Kathleen M.; FANINI, Michele A. “Saia do Brasil Agora”: emigração brasileira como ação antecipatória. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 34, n. 3, p. 315-339, 2022. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.198669. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/198669>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NGAI, Mae. A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos estados unidos, 1921-1965. **Tempo**, [S.L.], v. 13, n. 25, p. 5-36, 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-77042008000200002>.

Nopper, Tamara. 2008. *Why Black Immigrants Matter: Refocusing the Discussion on Racism and Immigration Enforcement. Keeping out the other: A critical introduction to immigration enforcement today.* New York: Columbia University Press.

PASTANA, Ana; FURTADO, Maria Eduarda. 'Pessoas desmaiaram': brasileiros deportados dos EUA relatam humilhação ao desembarcarem algemados. **Revista Cenarium**. Manaus, p. 1-7. 25 jan. 2025. Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/pessoas-desmaiaram-brasileiros-deportados-dos-eua-relatam-humilhacao-ao-desembarcarem-algemados/>. Acesso em: 26 jan. 2026.

PEREIRA, JOÃO BAPTISTA BORGES. OS IMIGRANTES NA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA PLURALIDADE ÉTNICA BRASILEIRA. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 46, p. 6–29, 2000. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.v0i46p6-29](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i46p6-29). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/30123>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PERES, Sarah. FAB vai resgatar brasileiros deportados dos EUA em Manaus. **Revista Oeste**. [S.I.], p. 1-5. 25 jan. 2025. Disponível em: <https://revistaoeste.com/brasil/fab-vai-resgatar-brasileiros-deportados-dos-eua-em-manaus/>. Acesso em: 26 jan. 2026.

POLLETI, R. R. de B. Exatidão, expulsão e deportação. **Revista de Direito Administrativo**, [S. l.], v. 125, p. 460–466, 1976. DOI: 10.12660/rda.v125.1976.41933. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rda/article/view/41933>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PÓVOA NETO, Helion. A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 20, n. 57, p. 25-39, ago. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142006000200003>.

Quiroz, N. (2020) TikTok. La aplicación favorita durante el aislamiento. *Revista Argentina de Estudios de Juventud*, dossier temático, e044, 2020. Universidad Nacional de La Plata

RIFIOTIS, Theophilos; MÁXIMO, Maria Elisa; JEAN, Segata. Etnografias do digital: um futuro mal distribuído na antropologia. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 30, n. 68, p. 1-33, Não é um mês valido! 2024. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9983e680201>.

RUBIN, Paloma. Analizando TikTok como acercamiento a la etnografía digital: lesbianas, humor y movimientos sociales. In: CONGRESO ARGENTINO DE ANTROPOLOGÍA SOCIAL (CAAS), Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2021, La Plata. **Congresso**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2021. p. 1-14.

SECURITY, Homeland. **Thanks to President Trump and Secretary Noem, More than 2.5 Million Illegal Aliens Left the U.S.** 2025. Disponível em: <https://www.dhs.gov/news/2025/12/10/thanks-president-trump-and-secretary-noem-more-25-million-illegal-aliens-left-us#:~:text=About%20DHS-,Thanks%20to%20President%20Trump%20and%20Secretary%20Noem%2C%20More%20than%202.5,1.9%20million%20have%20self%2Ddeport>. Acesso em: 27 jan. 2026.

SILVA, Telma Margarida Pimentel. **Geografias de exclusão e inclusão**: políticas migratórias e de deportação dos estados unidos da américa e os cidadãos deportados em são miguel (açores). 2011. 24 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade de Açoires, Ponta Delgada, 2011.

Van Dijck, J. (2016). *La cultura de la conectividad: una historia crítica de las redes sociales*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.